

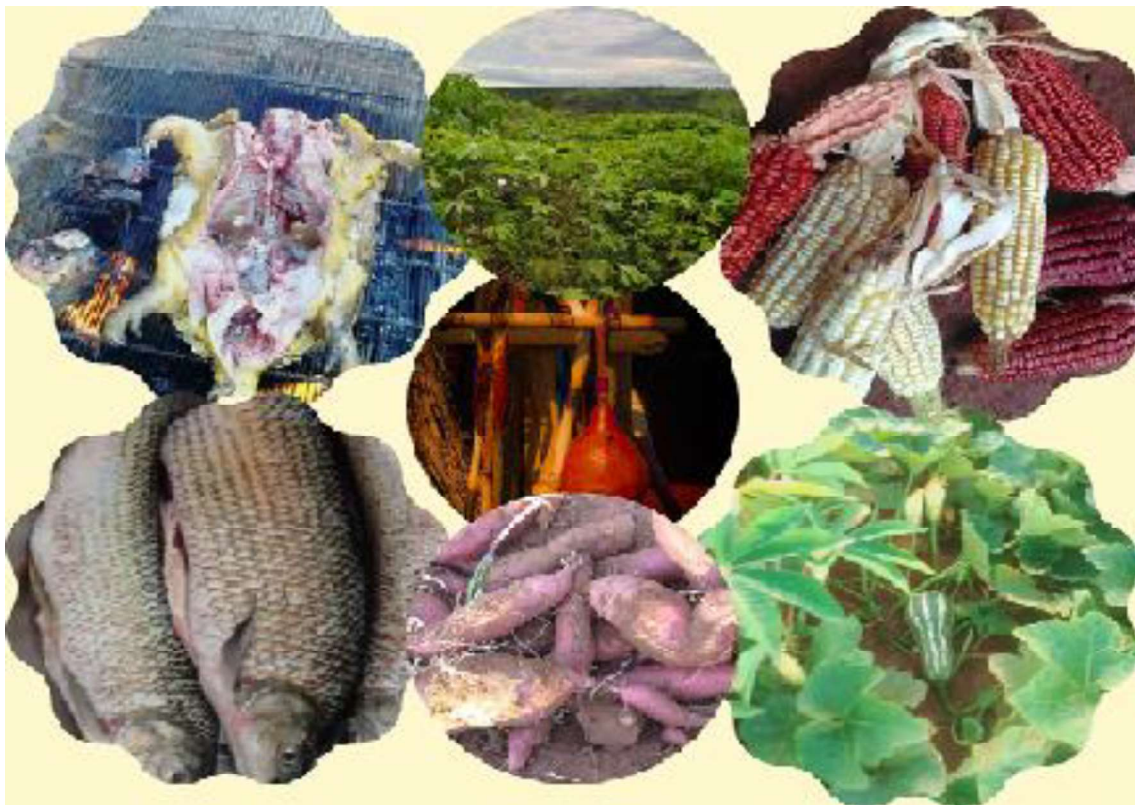
Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD

Faculdade Intercultural Indígena - FAIND

Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade - PPGET

Kaiowá rembi'u ypy: alimentação tradicional como estratégia de etnoconservação da diversidade biocultural no tekoha Pirakua

Inair Gomes Lopes



Dourados-MS

Agosto 2022

Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD
Faculdade Intercultural Indígena - FAIND
Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade - PPGET

Inair Gomes Lopes

Kaiowá rembi'u ypy: alimentação tradicional como estratégia de
etnoconservação da diversidade biocultural no tekoha Pirakua

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Mestre em Educação e Territorialidade.

Área de Concentração: Desenvolvimento e Políticas Públicas.

Orientadora: Profa. Dra. Laura Jane Gisloti

Dourados-MS

Agosto 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

L864k	<p>Lopes, Inair Gomes.</p> <p>Kaiowá rembi`u ypy: alimentação tradicional como estratégia de etnoconservação da diversidade biocultural no tekoha Pirakua. / Inair Gomes Lopes. – Dourados, MS : UFGD, 2022.</p> <p>Orientadora: Prof. Dr. Laura Jane Gisloti.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade) – Universidade Federal da Grande Dourados.</p> <p>1. Ciência indígena. 2. Cosmologia. 3. Alimentos. 4. Soberania alimentar. I. Título.</p>
-------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.



Inair Gomes Lopes

Kaiowá rembi'u ypy: alimentação tradicional como estratégia de etnoconservação da diversidade biocultural no tekoha Pirakua

Esta dissertação foi julgada e aprovada pela presente banca examinadora para a obtenção do título de Mestra em Educação e Territorialidade pela Faculdade Intercultural Indígena da Universidade Federal da Grande Dourados.

Dourados, 23 de agosto de 2022.

Prof. Dr. Eliel Benites

Diretor da Faculdade Intercultural Indígena/FAIND

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Laura Jane Gislotti
Orientadora/PPGET/UFGD

Profª. Drª Juliana Grasieli Bueno Mota
Membro externo/PPGG/UFGD

Profª Drª. Rosa Sebastiana Colman
Membro Interno/PPGET/UFGD

Profª Drª Regiani Magalhães de Oliveira Yamasaki
Membro Interno /PPGET/UFGD

*“A tarefa não é tanto ver
aquilo que ninguém viu, mas
pensar o que ninguém ainda
pensou sobre aquilo que
todo mundo vê” (Arthur
Schopenhauer).*

Primeiramente agradeço a **TUPÃ**
GUASU por me dar esta oportunidade
para poder caminhar e conquistar aquilo
que venho buscando ao longo da vida.

Dedico à minha família, e aos professores
Guarani Kaiowá do estado de Mato
Grosso do Sul, que sempre estiveram
juntos nos apoiando nessa luta incessante
para vencermos estas etapas difíceis.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, venho aqui deixar o meu agradecimento ao Tupã Guasu por me guiar durante a etapa do curso e ao programa Amanhã, conduzido pelo movimento Parent in Science, por oferecer bolsa para mães pesquisadoras na pós-graduação, pelo qual fui umas das selecionadas para receber bolsa de mestrado concedida nesses 9 meses finais da jornada, sem a qual não poderia ter tido condições de dar continuidade à pesquisa.

Agradeço também ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade PPGET/FAIND/UFGD, o qual está vinculado à Faculdade Intercultural Indígena, da Universidade Federal da Grande Dourados-MS, que com bastante competência instituiu essa política pública que visa capacitar teoricamente e metodologicamente pesquisadores indígenas e não indígenas.

Eu devo a conclusão desta dissertação ao apoio e suporte intelectual da minha orientadora Laura Jane Gislotti, que esteve ao meu lado pacientemente construindo saberes e práticas do conhecimento da etnia kaiowá, da qual pertence a minha identidade. Mesmo passando por momento de isolamento social devido a interferência do novo coronavírus, que paralisou mundo inteiro, conseguimos nos adaptar e nos comunicar por meio dos avanços tecnológicos. Assim, passamos a utilizar e nos apropriar em novas ferramentas para dar continuidade à nossa pesquisa. É fato que presencialmente seria mais proveitoso em partilhar no coletivo nossos saberes, mas a realidade nos impôs essa condição e conseguimos nos adaptar a ela.

Gratidão aos meus mestres tradicionais e à comunidade Pirakua que não mediram esforços e paciência para atender a minha pesquisa e por poder registrar aquilo que nós chamamos de conhecimentos tradicionais, os quais estão enfraquecendo e, assim, poder através desse estudo fortalecer a nossa prática cultural. A eles dedico meu respeito e toda a minha admiração!

Agradeço à minha mãe e ao meu avô Augusto Gomes, que foram minha grande inspiração, pois suas lutas diárias estão associadas a se manter saudável, com os alimentos que eles conhecem e que ainda fazem parte da alimentação diária kaiowá. Minha mãe e meu avô também sempre me deram força para ter certeza daquilo que eu estava propondo como pesquisadora acadêmica no âmbito do PPGET.

Agradeço também meu pai Amilton Lopes, que faleceu no ano de 2012 no início da minha graduação e que sempre estás comigo mesmo ausente para sempre até os momentos mais angustiantes da minha vida.

Gratidão à minha irmã Inaye Lopes, que sempre foi a minha inspiração e orgulho da família, porque somos duas mestras compartilhando nossas reflexões e as reflexões de nosso povo. E a todos/as familiares e amigas/os e, principalmente, ao meu esposo que esteve ao meu lado me incentivando e apoiando na busca por melhorias de aprendizagem. Ele é meu professor desde início da minha jornada como acadêmica e professora indígena e também como pesquisadora. Agradeço também meus filhos Inara Bibiane Lopes Machado e Nicolas Kauan Lopes Machado e à minha sobrinha Kerlwy Lopes, pela compreensão, apoio, amizade e pelo companheirismo de sempre.

Aos docentes e coordenadores do PPGET minha eterna gratidão: Professores/as Antonio Dari Ramos, Neymar Souza Machado, Andérbio Márcio Martins, Cássio Knapp, Levi Marques Pereira, Laura Gisloti, Rosa Colman, Jeanne Brito, Rodrigo Camacho, Rosimeire, Walter, Regiane Magalhães, e, em especial, o Professor e Diretor atual da FAIND Eliel Benites. Esses/as docentes me incentivaram a mergulhar no estudo e registrar o modo de ser, o kaiowá reko.

Aos meus amigos do PPGET, em especial Anastácio Peralta, que considero como meu segundo pai. Ele que foi uns dos companheiros de luta do meu pai na luta pela terra, meu grande amigo, que sempre esteve ao meu lado, partilhando ideias e emoções e me incentivando via rede sociais, devido a pandemia do novo coronavírus - Covid 19. O apoio e amizade das pessoas próximas foi, sem dúvida, fundamental neste processo, pois desde o início da minha graduação na Licenciatura Intercultural Indígena nas aulas compartilhamos o desejo de passar na seleção do Mestrado, e, em vários momentos, compartilhamos nossas ideias e projetos acerca do conhecimento indígena. Por tudo isso, nossa amizade é eterna e fundamental.

Finalizo imensamente a minha eterna gratidão a todos e todas que me ajudaram a superar as dificuldades para realizar esta dissertação.

Obrigado a todos e a todas! Aguyjevete!

Resumo

Esta pesquisa surgiu a partir do diálogo com um ancião do povo kaiowá Augusto Gomes, que estava expondo para o nosso povo a sua preocupação sobre o consumo de alimentos industrializados e que estão substituindo a alimentação tradicional kaiowá pelo novo modelo de consumir outros tipos de alimentos no tekoha Pirakua, município de Bela Vista, Mato Grosso do Sul. Desse modo, como pesquisadora kaiowá busquei conhecer e registrar como são/eram feitos os alimentos tradicionais oriundos da caça e da pesca; quais são/foram os alimentos mais consumidos na dieta kaiowá; qual é a dieta alimentar na atualidade. Investiguei quais são/eram as regras adotadas na cultura para o consumo de alimentos advindos da caça e sobre a importância da alimentação tradicional para a produção de saúde no nosso organismo e no território. A aldeia Pirakua ainda tem uma rica biodiversidade, pois há vários tipos de plantas alimentícias. Essas plantas, portanto, fazem parte do conhecimento e da realidade da comunidade desta aldeia. Como resultado, encontrei que na aldeia Pirakua existia a oferta de alimentos que o ambiente oferecia e com o decorrer do tempo, com o avanço do colonialismo, o hábito alimentar das pessoas foram se transformando e por este motivo o presente trabalho abordou a importância e o fortalecimento dos alimentos tradicionais kaiowá. O uso inadequado e dependência desses novos alimentos trouxeram vários fatores de riscos para doenças em vários níveis e faixas etárias. No entanto, muitas famílias ainda guardam a memória da alimentação tradicional e ainda praticam a roça, a caça, a pesca e a coleta de frutos e sementes da mata. Por meio das reflexões construídas nessa pesquisa, as pessoas da aldeia poderão usar as informações e esse conhecimento junto com seus familiares e esse aprendizado servirá como um apoio para a comunidade prosseguir lutando em defesa do nosso território e do nosso modo de viver. Desse modo, essa pesquisa poderá estimular a comunidade a fortalecer nosso modo de ser e viver, pondo em prática os saberes tradicionais no cotidiano e ao longo da vida. Além disso, essa pesquisa também servirá para produzir material didático e apoio para contribuir com a escola e com a Educação Escolar Indígena. Nesse sentido, esse estudo é para contribuir, expandir e fortalecer o conhecimento da comunidade, relacionado à preservação dos alimentos tradicionais, o qual faz parte de nossa cultura e o valor que ela transmite e que nos mantém saudável de corpo e espírito. Dessa maneira as pessoas se sentirão motivadas para continuar firme no que acreditam sendo capaz de manter o conhecimento de seus ancestrais sempre vivos para novas gerações, para assim fortalecer seus saberes, para não se esquecer de suas origens históricas vividas.

Palavras-chave: Alimentos, Ciência indígena, Cosmologia, Soberania alimentar.

Resumen

Esta investigación surgió del diálogo con un anciano del pueblo kaiowá, Augusto Gomes, que explicaba a nuestro pueblo su preocupación por el consumo de alimentos industrializados que están sustituyendo la dieta tradicional kaiowá por un nuevo modelo de consumo de otros tipos de alimentos en el tekoha Pirakua, municipio de Bela Vista, Mato Grosso do Sul. Así, como investigadora kaiowá, busqué conocer y registrar los modos de hacer los alimentos tradicionales derivados de la caza y la pesca; cuáles son los alimentos más consumidos en la dieta kaiowá; cuál es la dieta actual. También investigué las normas culturales para el consumo de alimentos obtenidos de la caza y la importancia de los alimentos tradicionales para la producción de la salud en nuestros cuerpos y en el territorio. La comunidad de Pirakua sigue teniendo una rica biodiversidad, ya que existen diversos tipos de plantas alimenticias. Estas plantas, así pues, forman parte del conocimiento y de la realidad de la comunidad del pueblo. Como resultado, encontré que en la aldea de Pirakua había una oferta de alimentos que el entorno ofrecía y con el avance del colonialismo, los hábitos alimenticios de la comunidad se transformaron y por esta razón el presente trabajo abordó la importancia del fortalecimiento de la comida tradicional kaiowá. El uso inadecuado y la dependencia de nuevos alimentos han provocado diversos factores de riesgo de enfermedades en varios niveles y grupos de edad. Sin embargo, muchas familias conservan la memoria de la alimentación tradicional y siguen practicando la agricultura, la caza, la pesca y la recolección de frutos y semillas del bosque. A través de las reflexiones construidas en esta investigación, la comunidad podrá utilizar la información y este conocimiento con sus familias y el aprendizaje servirá de apoyo al pueblo para seguir luchando en defensa de nuestro territorio y nuestra forma de vida. De esta manera, esta investigación puede estimular la comunidad a fortalecer la forma de ser y vivir, poniendo en práctica los conocimientos tradicionales en la vida cotidiana. Además, esta investigación también servirá para producir material didáctico y de apoyo para contribuir a la escuela y a la Educación Escolar Indígena. En este sentido, este estudio desea contribuir, ampliar y fortalecer el conocimiento de la comunidad, relacionado con la conservación de los alimentos tradicionales, que es parte de nuestra cultura y el valor que comparte y que nos mantiene sanos en cuerpo y espíritu. De este modo, las personas se sentirán motivadas para seguir firmes en lo que creen para poder mantener siempre vivo el conocimiento de sus antepasados para las nuevas generaciones, con el fin de reforzar sus conocimientos, para no olvidar sus orígenes históricos.

Palabras clave: Alimentación, ciencia indígena, cosmología, soberanía alimentaria.

Sumário

Introdução Geral.....	12
Objetivos.....	17
Caminhos metodológicos.....	18
Manuscrito 1. Pirakua: território sagrado símbolo da resistência do povo Kaiowá.....	32
Manuscrito 2. Alimentação kaiowá no passado e no presente: conhecimento tradicional como estratégia de soberania alimentar na aldeia Pirakua, Mato Grosso do Sul.....	44
Manuscrito 3. A caça e os caçadores kaiowá da aldeia Pirakua: uma reflexão na perspectiva da etnobiologia.....	81
Considerações Finais da Dissertação.....	109

Kaiowá rembi'u ypy: alimentação tradicional como estratégia de etnoconservação da diversidade biocultural no tekoha Pirakua

Introdução

Nasci e cresci na aldeia Pirakua, localizada no município de Bela Vista, no Estado de Mato Grosso do Sul. O primeiro contato que tive com a escola foi nesta aldeia, no ano de 1996, onde era ministrada pela professora indígena na base.

Nessa época, o senhor Amilton Lopes iniciou na escola, a alfabetização na língua materna orientado pela professora Veronice Lovato Rossato. Desde o início, a maioria das aldeias não aceitava o ensino da língua materna na escola, argumentando que os filhos já falavam a língua. Esse argumento é antigo, mas logo houve uma mudança no ensino através da língua materna e, assim, perceberam que manter a nossa língua é primordial na resistência da luta constante do nosso povo Guarani/Kaiowá no Mato Grosso do Sul. Desse modo, considero de grande importância manter a língua materna nas escolas nos dias atuais.

Em 1998, meus pais se mudaram para a aldeia Ñanderu Marangatu, localizada no município de Antônio João, na área de retomada. Essa nossa mudança se deu a partir da luta pela terra do meu Pai Amilton Lopes, que foi umas das lideranças importantes, que não mediu esforços na sua dedicação por este território e pelo seu povo tradicional.

Nesta aldeia, meus pais novamente matricularam eu e meus irmãos na escola. Na época eu tinha sete anos de idade e, assim, iniciei novamente meu estudo desde a 1ª série e consegui concluir até a 4ª série, visto que, naquela época, a escola Tupãí só recebia alunos até a 4ª série. Depois disso precisei então me matricular em outra escola, uma escola dos não indígenas que regularmente era na aldeia uma outra escola, na época era conhecida como Vila Campestre.

Desde criança fui sempre uma menina quieta e aprendi a observar com olhar tudo que tinha ou que estava acontecendo em volta. Como todos os indígenas sofri preconceitos, também passei muita discriminação por vários motivos, como por não ter roupa do nível do padrão, de não dominar a língua portuguesa e, principalmente, por não saber dialogar de igual para igual. Na escola, os professores não indígenas não sabiam o que fazer e acabavam excluindo os alunos indígenas.

O início da minha aprendizagem foi muito precário, umas das pessoas que sempre me motivou e aconselhou para que eu sempre não desistisse da luta e dos meus sonhos foi o meu pai Amilton Lopes, membro e liderança de Aty Guasu Guarani e Kaiowá. Sempre incentivou para a realização das atividades escolares e principalmente a leitura,

ele dizia que a partir das leituras nós teríamos oportunidades de aprender a falar corretamente o português e ampliar o conhecimento conhecendo outros saberes, e este conselho sempre marcou a minha memória, de modo que vou levar para a vida toda esse ensinamento.

A partir da 6ª série retornei para aldeia Pirakua, continuei estudando e com muita dificuldade concluí a 8ª série. Após isso retornei novamente para aldeia dos meus pais, tive a oportunidade de concluir o 9º ano e logo em seguida entrei para a fase da EJA (ensinos de jovens e adultos). Conclui o ensino médio em dois anos e logo saiu a chamada para a segunda turma da Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu. Assim, em 2012 fui umas das selecionadas para ingressar nesse curso, na Faculdade Intercultural Indígena, na área de Ciências da Natureza.

Neste mesmo ano iniciei, na minha aldeia, minha primeira experiência na Educação Escolar Indígena, atuando como professora. Assim, fui tendo experiências e adquirindo conhecimentos, a partir dos contatos com os estudantes indígenas e na Faculdade com professores e colegas que sempre me ensinaram muito partilhando nossos conhecimentos.

Lembro que a minha colega Sonia Pavão sonhava alto na sala de aula que um dia nós seríamos mestras e a gente não acreditava que isso seria possível. Hoje esse sonho está se realizando, um sonho construído com a luta dos nossos parceiros indígenas. E a luta continua, por isso quero dar continuidade para avançar o nível de estudo e pesquisa registrando aquilo que vem me preocupando dentro da minha comunidade. Isso também me motiva a querer buscar sempre mais formação, focando em agregar os conhecimentos que obtive como indígena e partilhar isso com outros saberes.

Neste mesmo ano que ingressei na universidade fiquei grávida da minha primeira filha Inara Bibiany. Ela nasceu e cresceu na academia, nesta jornada de luta e estudo e hoje, concluindo o mestrado ela é meu grande orgulho, junto do meu filho Nicolas Kauan.

Em 2020 tive a oportunidade de ingressar na Pós-graduação, no curso de mestrado em Educação e Territorialidade, e consegui perceber que temos que fortalecer aquilo que nós somos e viver unidos em prol do bem-estar do nosso lugar.

Na primeira etapa presencial de 2020, no mês de março, houve a necessidade do isolamento social no mundo inteiro por conta da pandemia causada pelo novo coronavírus causador da doença Covid 19. Nesta breve etapa aprendi muito com meus professores e colegas e isso é muito importante porque fica para sempre em nossas memórias os novos aprendizados.

O restante do curso teve que ser no formato remoto e, assim, conseguimos nos adaptar via aula remota, mas é importante dizer que esse modelo não é o mesmo que o das aulas presenciais deixando o ensino e a aprendizagem prejudicados. Mesmo assim não desistimos, batalhamos muito e, por fim, concluímos o curso, mas deixamos também nossos sentimentos para àqueles milhares de vida que se foram neste mundo pandêmico em que vivemos. Nossos eternos sentimentos para essas famílias!

Quero muito deixar minha imensa gratidão a todos guerreiros e guerreiras que lutaram incansavelmente para que um dia os indígenas tivessem um curso específico de Pós-graduação. Eu fui umas das estudantes do PPGET que conseguiu a vaga para marcar essa etapa da minha vida e da história do meu povo.

A partir do momento dos meus estudos no mestrado e, apesar de ter sido só duas semanas no presencial, consegui elaborar muito conhecimento e refletir tudo aquilo que nós somos e temos de valor em nossa comunidade. Isso me tornou mais confiante para seguir em frente.

Nós indígenas temos muitos conhecimentos e também percebemos que nossos sábios, que nós consideramos nossa biblioteca viva, estão adormecidos devido a vários acontecimentos na modernidade que o nosso povo se encontra. Em meio a isso, eu como pesquisadora me propus a coletar conhecimentos e assim, poder registrar na forma escrita, para que futuras gerações possam se apropriar de nossos conhecimentos, a partir dos registros documentados.

Neste momento é importante agradecer aos docentes do PPGET/FAIND/UFGD e de outras instituições por oferecer várias oficinas para podermos apresentar nossos trabalhos para outros pesquisadores/as e os meus mestres tradicionais da comunidade Pirakua.

Assim, esta pesquisa surgiu a partir do diálogo com ancião Augusto Gomes que estava expondo sua preocupação sobre o consumo de alimentos industrializados e que estão substituindo a alimentação tradicional kaiowá pelo novo modelo de consumir outros tipos de alimentos industrializados na comunidade Pirakua Município de Bela Vista, Mato Grosso do Sul.

Nesse trabalho de pesquisa busquei conhecer e registrar como são/eram feitos os alimentos tradicionais oriundos da caça e da pesca; quais são/foram os alimentos mais consumidos na dieta da etnia guarani e kaiowá; qual é a dieta alimentar na atualidade. Investiguei quais são/eram as regras adotadas na cultura para o consumo de alimentos

advindos da caça e sobre a importância da alimentação tradicional dentro para produção de saúde no nosso organismo e no território.

Futuramente, as pessoas da aldeia poderão usar essas informações e esse conhecimento junto com seus familiares e esse aprendizado servirá como um apoio para a comunidade prosseguir lutando em defesa do nosso território e do nosso modo de viver. Desse modo, essa pesquisa poderá estimular a comunidade a fortalecer nosso modo de ser e viver, pondo em prática os saberes tradicionais no cotidiano e ao longo da vida. Além disso, essa pesquisa também servirá para produzir material didático e apoio para contribuir com a escola e a Educação Escolar Indígena.

A comunidade da aldeia Pirakua tinha a produção de alimentos que o ambiente oferecia, com o decorrer do tempo com os novos benefícios, o hábito alimentar das pessoas foram se transformando e por este motivo o presente trabalho abordou a importância e o fortalecimento dos alimentos tradicionais kaiowá.

A aldeia Pirakua ainda tem uma rica em biodiversidade, pois há vários tipos de plantas alimentícias. Essas plantas, portanto, faz parte do conhecimento e da realidade da comunidade desta aldeia.

A idealização dessa pesquisa é para contribuir, expandir e fortalecer o conhecimento da comunidade, relacionados à preservação dos alimentos tradicionais, o qual faz parte de nossa cultura e o valor que ela transmite e que nos mantém saudável de corpo e espírito.

Nesse trabalho de pesquisa busquei conhecer e registrar como são/eram feitos os alimentos tradicionais oriundos da caça e da pesca; quais são/foram os alimentos mais consumidos na dieta da etnia guarani e kaiowá; qual é a dieta alimentar na atualidade. Investiguei quais são/eram as regras adotadas na cultura para o consumo de alimentos advindos da caça e sobre a importância da alimentação tradicional dentro para produção de saúde no nosso organismo e no território.

Dessa maneira as pessoas se sentirão motivadas para continuar firme no que acreditam sendo capaz de manter o conhecimento de seus ancestrais sempre vivos para novas gerações, e assim fortalecer seus saberes, para não se esquecer de suas origens históricas vividas.

Este trabalho surgiu a partir do momento do diálogo entre pessoas mais velhas sobre alimentos que eles utilizavam para sua sobrevivência e como eram preparados, sem usar sal e óleo e açúcar, por exemplo. Esse debate se tornou interessante para mim e assim

optei por levantar essa pesquisa e levar adiante para que possamos valorizar essa nossa alimentação tradicional na comunidade Pirakua.

Observei que a comunidade de Pirakuá tem se encontrado muito dependente de alimentos industrializados. Esses alimentos não são adequados para nossa cultura.

O uso inadequado e dependência desses novos alimentos trouxeram vários fatores de riscos de doenças em vários níveis e faixas etária. No entanto, os alimentos mais usados na dieta alimentar como a mandioca, a batata e o milho e seu uso está se perdendo, está enfraquecendo, porque tem sido substituído por produtos que na verdade não são alimentos, como os ultraprocessados.

Pretendo com as pessoas ou famílias que conhecem sobre as alimentações antigas, ampliar esses conhecimentos para que chegue a todos da comunidade para que assim, possam readquirir ou reconstruir novas práticas e hábitos alimentares.

Desta forma a pesquisa despertou uma parte crítica sobre alimentos, fazendo-o perceber que mesmo com a mudança de hábitos alimentares dos indígenas Kaiowá, existe uma maneira de resgatar essa prática que de certa forma foram se modificando com novas tecnologias que apareceram durante a mudança social na região, isso afetou no modo de consumo desses alimentos que eles tinham, hoje em dia é utilizado pela nossa comunidade os alimentos variados, e isso vem causando algumas doenças como diabetes, pressão alta e desnutrição por má alimentação e por não aproveitar mais esses conhecimentos que se tinham anteriormente, é muito importante valorizar essas práticas novamente que conhecemos.

Como forma de demonstrar a importância da nossa cultura, relatando sobre os valores alimentícios e culturais que eram praticados na época a forma como respeitavam as culturalidades, obedecia a certas regras daquela família e isso fazia com que eles se respeitassem mais, vivendo na alegria, kaiowá vive disso da alegria e da busca pela sobrevivência e da liberdade de construção de suas riquezas no espaço onde vivem.

Pela alimentação saudável estar enfraquecida e desvalorizada, me coloco a disposição para levar adiante esta pesquisa e trazer resultados para a comunidade. Como consequência do projeto espero fazer com que as pessoas se apropriem das técnicas de culinária para fortalecer as práticas tradicionais dos saberes sobre alimentos tradicionais, fortalecendo seus conhecimentos adquiridos novos processos alimentares.

Objetivo Geral

Identificar e refletir sobre aspectos dos sistemas alimentares Kaiowá, na aldeia Pirakua, como estratégia de conservação da sociobiodiversidade local.

Objetivos Específicos

- Compreender a simbologia do espaço territorial Pirakuá para o povo Kaiowá.

- Registrar e refletir sobre a alimentação tradicional do povo Kaiowá de Pirakua.

- Registrar e analisar os conhecimentos que os Kaiowá da aldeia Pirakua expressam sobre os animais de caça e a atividade cinegética.

- Refletir sobre os vários fatores que acarretam a diminuição de alimentos tradicionais, da região.

Caminhos metodológicos

Esta pesquisa foi realizada durante toda a minha vida, no entanto, tive a oportunidade de aprofundá-la durante o curso de mestrado, entre os anos de 2020 e 2022, na aldeia onde nasci e vivo, aldeia Pirakua, localizada no município de Bela Vista, estado de Mato Grosso do Sul.

Para orientar a construção dessa pesquisa contei com a produção acadêmica de intelectuais do meu povo, que realizaram pesquisas em seus territórios, como foi o caso de Izaque João (2011), Tônico Benites (2014), Eliel Benites (2014, 2020), Gileandro Barbosa Pedro (2020), Sônia Pavão (2021), Marildo da Silva Pedro (2021); Marcilene Lescano (2021), Anastácio Peralta (2022), dentre outros trabalhos produzidos por pesquisadores e pesquisadoras indígenas.

Desse modo, de início, centrei esforços para consultar trabalhos voltados para a condução da pesquisa de campo, com foco em autoras e autores indígenas, com o objetivo de orientar o olhar e o ouvir, para com isso obter maior aproveitamento na realização do registro etnográfico e dos diálogos com as e os participantes, que contribuíram gentilmente e generosamente com a construção dessa pesquisa.

O fato de eu ser uma pesquisadora indígena com o desejo de aprender sobre os conhecimentos do meu próprio povo, fez com que as circunstâncias locais me disponibilizassem uma série de recursos que me proporcionaram ter à disposição situações rotineiras, vivenciadas no dia a dia da comunidade, que me facilitaram as reflexões e os diálogos.

Nesse sentido, o trabalho de campo, se articulou em dois movimentos. No primeiro foi realizada a participação observante (Albert, 2014), onde tive a oportunidade de participar e vivenciar o dia a dia da minha comunidade, incluindo o plantio, o manejo e o preparo dos alimentos tradicionais, da roça, das atividades de caça e de pesca, o segundo movimento tive o privilégio de poder contar com a grande sabedoria das mestras e mestres tradicionais e das lideranças políticas e espirituais do meu povo, que, de modo bastante generoso, me concederam momentos de riquíssimo diálogo e aprendizagem.

Com o coração cheio de alegria e gratidão lhes apresento as fontes vivas de conhecimento do meu povo, que foram essenciais para que essa pesquisa fosse realizada:

As pessoas que detêm conhecimento tradicional sobre a nossa cultura e sobre a nossa alimentação são consideradas nesse trabalho como mestres e mestras tradicionais. Essas fontes vivas de conhecimento que participaram dessa pesquisa foram: Antônia Vargas; Augusto Gomes (liderança tradicional); Bernarda de Souza (mestra tradicional);

Darcy Reginaldo Gomes (liderança tradicional); Delfina Gomes (mestra tradicional); Jorge Gomes (lideranças tradicionais); José Conceição Lopes Machado (liderança tradicional); Juvelina Escalante (mestra tradicional); Lidio Escalante (ñanderu); Marcia Canteiro; Maria Eliza Vargas (parteira e ñandesy); Martina Vargas (ñandesy); Oracilda Ramires (parteira tradicional); Ramona Gomes (mestra tradicional); Tiula Quinhones.

A seguir apresentarei com mais detalhes essas fontes vivas de conhecimento, que foram parte essencial da construção dessa pesquisa:



Figura 1. Augusto Gomes. Foto de Inair Lopes, 2022. Pirakua.

Augusto Gomes, filho de Oracilda Ramires e Cardoso Gomes, nascido em 30/08/1953, 69 anos, liderança tradicional, reside na aldeia Pirakua desde a luta pela resistência, sempre lutou pela sua terra tradicional Pirakua. Ele é umas das minhas maiores inspirações para que essa pesquisa fosse concluída, se preocupava com a mudanças contínuas que foram chegando na comunidade, de modo que isso para ele foi muito preocupante. Assim, a forma que os jovens e as famílias vão adotando a nova maneira de se alimentar, não praticando mais as roças tradicionais, deixando de praticar a caça e a pesca despertou a ideia de escrever essa dissertação. Disse ele em uma ocasião “se continuar assim não restará mais kaiowá ancião e anciã para contar histórias para seus netos, como estou contando hoje para você”. Isso me fez refletir que os mais jovens estão se alimentando de forma errada e isso é prejudicial à saúde, onde acarretará várias consequências de doenças futuramente e poderá causar a morte precoce.



Figura 2. Oracilda Ramires. Foto de Inair Lopes, Aldeia Pirakua.

Oracilda Ramires (minha bisavó) é parteira tradicional e na imagem acima está junta a seus bisnetos. O dia que registrei essa imagem foi muito incrível pela possibilidade de vivenciar essa riqueza de presença e de conhecimentos, nem que seja por alguns momentos. Foi também muito marcante para ela poder viver esse momento com seus bisnetos e dizer a eles o quanto é importante vivermos unidos e cuidar umas das outras e, assim, poder viver em harmonia. A senhora Oracilda tem muito conhecimento sobre práticas alimentares, sendo muito criativa, fazendo suas comidas e gostando de fazer vários doces de frutas nativas. Contudo, hoje em dia ela não consegue mais se levantar sozinha, somente sendo possível se movimentar com ajuda de outras pessoas, por conta da idade. Mesmo assim ela é muito independente e não gosta que ninguém ajude ela. É

muito triste ver minha bisavó nesta condição, mas eu entendo que ela está assim por conta da idade e ela está muito feliz porque conseguiu cumprir sua missão de criar seus filhos e ajudar seus bisnetos a conhecer aquilo que ela viveu na época passada. Fico emocionada toda vez que falo e vejo ela, se fosse possível trocaria meu lugar com ela, só para ela poder ter de novo aquela disposição, aquela alegria que ela tinha. Ao mesmo tempo estou muito feliz por ela, sou muito privilegiada por tê-la comigo ainda, obrigada vizinha por essas experiências que vivemos juntas!



Figura 3. Ramona Gomes. Foto de Gisele Lopes, 2022, Aldeia Pirakua.

Ramona Gomes, nascida em 11/05/1969, idade 53 anos, filha de Augusto Gomes e Matilda Ireño, naturalidade Bela Vista. Mulher conhecedora dos conhecimentos do povo Kaiowá, teve seis filhos, conta que aprendeu junto à sua mãe Matilde Ireño a preparar alimentos e aproveitar o que era bom para se alimentar. Nos relatos dela conta que aproveitava as folhas e as raízes para cozinhar, coletava as frutas nativas do campo como guavira, jabuticaba do mato, caraguatá, jaracatiá, entre outras frutas citadas mais adiante neste trabalho. Também conta que catava saúva (ysa) em época que voava para fazer proveito. Sua família tinha nas suas roças variados tipos de sustento como mandioca, milho, abóbora, batata, banana, laranjas, cará. E também praticavam a caça e a pesca para sustentar suas famílias. Ela relembra que “viver daquela maneira naquela época era uma riqueza para nós, era uma preocupação boa e tínhamos uma preparação física boa, tínhamos disposição para caminhar muito distante e ir atrás para suprir as nossas necessidades alimentares, fazendo mbohejupa. Ainda até hoje ela consegue caminhar para ir à caça junto com seus parentes.



Figura 4. Maria Eliza Vargas. Foto de Inair Lopes, 2022, Aldeia Pirakua.

Maria Eliza Vargas é filha de João Vargas e Valentina Franco, reside na aldeia Pirakua desde sempre. Ela é esposa do grande rezador da aldeia Feliciano Mendonça. Uma mulher sabia e muito guerreira, que tem muito conhecimento. É ñandesy (rezadora) e parteira da aldeia, e nos contou como preparava os alimentos para seus filhos crescerem com saúde, sempre buscando praticas alimentares sustentáveis, viviam de caça e pesca e de coletas de frutas e raízes e sempre mantinham suas roças tradicionais. Ela ama fazer chicha, que é a bebida tradicional feita de milho. Com ela aprendi muito a valorizar a nossa cultura e preservar a nossa identidade, principalmente como mulher kaiowá.



Figura 5. José Conceição Lopes Machado (meio), sua esposa Constância (à esquerda) e o senhor Augusto (à direita). Foto de Inair Lopes, 2022, Aldeia Pirakua.

O senhor da foto que está no meio é o senhor José Conceição Lopes Machado, liderança tradicional da aldeia Pirakua, ao seu lado esquerdo está a sua esposa Constância e ao lado direito está o senhor Augusto. No início da luta pela terra, José Conceição foi capitão durante muitos anos e até nos dias de hoje continua contribuindo muito com sua comunidade, juntamente sua esposa Constância e o senhor Augusto Gomes, liderança tradicional e parceiro de lutas. Neste dia do registro da imagem foi muito emocionante, pois vivenciamos muitas memórias vivas, relembrando como foi a luta. É muito gratificante ter essas memórias vivas e aprender cada vez mais com essas pessoas tão importantes na comunidade.



Figura 6. Martina Vargas. Foto de Inair Lopes, 2022, Aldeia Pirakua.

Martina Vargas é ñandesy (rezadora), filha de João Vargas e Valentina Franco, esposa do ñanderu (rezador) Roberto Mendonça. Ela é um anciã muito sabia que tem muito conhecimento sobre a produção de alimentos tradicionais, sobre a forma de preparo, como por exemplo a chicha (bebida tradicional) e a chipa do milho (bolo de milho). Martina tem muito conhecimento sobre as plantas medicinais e ela tem a saúde muito boa devido ao fato de que ela come somente alimentos naturais, como peixe assado, carne de caça e usa muito pouco açúcar e sal.



Figura 7. Darci Diana Reginaldo Gomes e seu esposo Jorge Gomes. Foto de Zenildo Gomes, 2021, Aldeia Pirakua.

Darci Diana Reginaldo Gomes e seu esposo Jorge Gomes, lideranças da aldeia Pirakua. Darci nasceu em 23/07/1959, tem atualmente 63 anos. Nasceu e cresceu em Dourados, pertencente à etnia terena, porém desde sua juventude casou com um Kaiowá e tiveram filhos, morando desde cedo na aldeia Pirakua. Darci e Jorge sempre contribuíram muito com a comunidade, sendo Jorge uma grande liderança política e Darci foi merendeira e professora quando iniciou a escola na aldeia Pirakua, sempre se dedicando a cuidar das crianças da aldeia e dos seus filhos. O sustento dessa família foi tudo na base da roça tradicional, tiravam também seu sustento da caça e da pesca e da coleta, e também plantam nas suas roças de mandioca, milho, arroz, batata, mamão,

manga, laranja, poncã, goiabeira, fruta de emas, entre outros variados tipos de plantas comestíveis.



Figura 8. Bernada de Souza. Foto de Inair Lopes, 2021, Aldeia Pirakua.

Bernada de Souza, reside na Aldeia Nhanderu Marangatu, município de Antônio de João, a qual tem uma forte ligação com a aldeia Pirakua. Grande mulher kaiowá, a qual tive a oportunidade de dialogar em relação aos alimentos tradicionais que eram consumidos antigamente e hoje em dia. Ela conta com muita tristeza que no lugar que ela se encontra hoje não tem mais caça, nem pesca e muito menos a coleta de frutas nativas. Ela relembra que antes da invasão dos brancos “tínhamos alimentos da caça e da pesca por todas as partes das regiões em que habitamos. Não demorou muito iniciou-se o confinamento que desmatava as florestas da região acabando com a riqueza que se tinha.

” Mesmo assim ela e sua família povoa essa região de Estrelão, que pertence ao território tradicional do Nhanderu Marangatu. Foi muito importante essa nossa troca de conversa, onde pude refletir que apesar de muitas mudanças que ocorreram, as mulheres kaiowá ainda resistem e conservam ainda aquilo que demarca sua cultura.



Figura 9. Delfina Gomes. Foto de Bianca Gomes, 2022, Aldeia Pirakua.

Delfina Gomes é filha de Justina Nunes e Araújo Gomes, nasceu em 05/11/1983, idade 38 anos, reside na aldeia Pirakua desde o início da luta pela permanência do território juntamente com seus pais. Delfina perdeu seus pais muito cedo e logo perdeu seu marido, ficando responsável por seus 4 filhos, todos na fase da adolescência. Assim, como chefe da família, Delfina deu continuidade na produção de sua roça tradicional, para manter o sustento da família. Apesar de passar por muitas dificuldades, essa guerreira

consegue ainda manter sua produção de alimentos e ainda compartilha com outros parentes na comunidade.



Figura 10. Lidio Escalante. Foto de Inair Lopes, 2021, Aldeia Pirakua.

Lidio Escalante é uns dos rezadores da aldeia que está sempre à disposição para contribuir com sua comunidade e que ajuda jovens, mulheres, crianças e idosos para curar com sua reza e espantar os espíritos das doenças causadas pelos donos das doenças e de todos outros seres que existem no território. Ele e seu irmão Argemiro Escalante sempre estão ajudando nos manifestos com poderosas rezas que só eles sabem. Eles sempre contribuem com a escola atendendo os alunos, realizando atividades e compartilhando conhecimentos que eles carregam consigo. Ele compartilhou uma importante análise de que com a modernidade cada vez mais adentrando na aldeia muitos donos soltaram suas crias para procurar morada nos seres humanos e onde os indígenas da comunidade não respeitam mais as regras da cultura ficam adoecidos. Isso faz com que a violência aumente, como os homicídios e suicídios. Ele lembra que na época antiga tinha alimentos de sobra para alimentar as famílias, e hoje em dia isso está acabando, deixando a comunidade dependente de tais alimentos industrializados.



Figura 11. Juvelina da Silva. Foto de Inair Lopes, 2020, Aldeia Pirakua.

Juvelina da Silva é filha de Argemiro Escalante e Doraci Sarate, nascida em 21/01/1982, com idade atual de 40 anos. Nasceu e cresceu na aldeia Pirakua, ainda jovem foi morar em Amambai, onde conseguiu tirar seus documentos pessoais. Nessa morada se uniu a seu marido Júlio Benites e formou uma linda família, tendo 9 filhos. Juvelina é uma mãe guerreira que sempre lutou para criar seus filhos e tem muito conhecimento em relação aos alimentos saudáveis e tradicionais. Ela também produz xarope orgânico de plantas medicinais. Tira sustento da roça, da caça e da pesca.

Capítulo 1. Pirakua: território sagrado símbolo da resistência de ontem e de hoje povo Kaiowá

Resumo

O ser humano vem desenvolvendo suas habilidades técnicas no meio em que vive, se inter-relacionando com a natureza de forma devastadora, destruindo cada vez mais os territórios dos seres vivos, degradando a natureza, empobrecendo o solo, dizimando a Mãe Terra, transformando o ambiente com mudanças avançadas e comprometendo o contexto histórico da etnicidade cultural e biológica de outros seres da Terra. As relações sociais com a natureza para nós indígenas são muito mais importantes do que a matéria que se encontra no espaço, visto que a forma com que nós nos conectamos com a natureza é simbólica e sagrada. Assim, povos em diferentes territórios se apropriam dessas relações construídas no decorrer de gerações na busca pela permanência dos seus espaços para garantir uma vida sustentável de corpo, alma e espírito. Esse artigo foi tecido a partir do território da aldeia Pirakua, que significa buraco de peixes, local onde nasci e vivo. Esse local de grande importância para a minha comunidade e para o meu povo é localizado próximo a aldeia Pirakua e na época em que foi delimitado o território para a demarcação não foi registrado como parte do nosso território indígena, de forma que ficou fora da aldeia. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi registrar e compreender a simbologia do espaço territorial Pirakua e, principalmente reviver, através da escrita, o modo como essas famílias se sustentavam de forma saudável e sustentável, consumindo alimentos nativos que eram oferecidos pela Mãe Terra. Este lugar foi e é de grande importância para os Guarani Kaiowá, de modo que os Kaiowá se deslocavam guiados por esse local, em busca de caça e de remédios e também devido a esse lugar ser essencial para a coleta de guavira, fruto de grande importância para o nosso povo. Além disso, refleti sobre os vários fatores que acarretam a diminuição de algumas plantas medicinais e animais de caça nesta região.

Palavras-chave: Cosmologia, Povos indígenas, Simbologia, Território.

Introdução

O primeiro capítulo dessa dissertação se trata de um lugar muito importante para mim e para as pessoas da minha aldeia, que é Pirakua, um lugar no meio do rio Apa que tem uma grande importância para o meu povo e que ficou de fora da área delimitada pela demarcação da nossa Terra Indígena. Esse lugar ainda resiste na memória coletiva e afetiva do nosso povo.

Esse local fica próximo à aldeia que leva o mesmo nome, ou seja, Pirakua, onde eu vivo, situada no município de Bela Vista, no Sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul. Os limites geográficos desse território atingem os municípios de Antônio João e Ponta Porã, além de fazer fronteira com o Paraguai. É nesse território indígena que vive o povo Kaiowá.

Os Guarani são falantes da língua guarani pertencente ao tronco linguístico tupi-guarani com variações étnico-culturais. No Brasil encontram-se subdivididos em três povos: Guarani Nandeva, Guarani Mbya e Guarani Kaiowá. Esta pesquisa se refere aos Guarani Kaiowá, povo do qual faço parte.

A população Kaiowá e Guarani é próxima a 50 mil indivíduos e está distribuída em oito reservas, além de quatorze terras indígenas, totalizando 22 áreas indígenas em de aproximadamente 183 km². Além dessas áreas, inúmeros territórios passam por processo de retomada de seus territórios ancestrais (PEREIRA, 2016).

A Aldeia Pirakua fica localizada no Município de Bela Vista, Mato Grosso do Sul, próximo do Rio Apa, a 60 km de proximidade com a divisa com o Paraguai. Os grupos familiares encontrados nesta comunidade estavam desde muito antigamente nesta região. Este território foi uma conquista a partir de uma resistência contra os fazendeiros locais, que roubaram nossas terras ancestrais.

Assim, desde o início da luta pela terra, no ano de 1980 em diante, os fazendeiros começaram a expulsar nosso povo de suas terras ou até mesmo assassinavam famílias inteiras. A partir daí os indígenas dessa região se agruparam em famílias mais ou menos de 10 a 15 pessoas e acamparam em lugar perto do rio, onde facilitava a caça, pesca e a coleta de frutas. Essa região específica é conhecida como Pirakua e foi fundamental para a resistência kaiowá.

Esse lugar é considerado sagrado para o nosso povo, de forma que o nome na língua guarani é composto pela expressão “pira” que significa peixe e “kua” que significa buraco. Assim, nosso povo ocupou este território e nele permaneceu resistindo aos ataques dos fazendeiros, da opressão e das ameaças para deixar este lugar.

Nesta época alguns indígenas já prestavam serviços nas fazendas e em troca recebiam comida, roupas e onde morar. Neste meio já ocorria a escravidão trabalhista, desvalorizando e se aproveitando dos serviços braçais dos trabalhadores indígenas, e assim, alguns deles trabalhavam de forma precária nas fazendas para manter suas famílias. Sentindo a injustiça cometida pelos não indígenas, muitos deles se juntaram entre os indígenas que já lutavam pelas nossas terras.

Segundo Marçal Tupã, grande liderança do nosso povo, nos primórdios antes da invasão, a nação Guarani era uma grande nação, ou seja, cada povo vivia sem medo e nossos parentes moravam em lugares que achavam adequados para se morar. Com o passar dos anos e convivendo com a chamada civilização, nosso povo passou a viver em confinamento, ocasionado pelo cercamento do nosso território.

No entanto, nós indígenas fomos nos juntando em um único lugar, cada grupo se uniu para se fortalecer e defender nosso povo. Marçal já tinha essa idealização desde que se levantou em prol do nosso povo, de forma que ele dizia para os irmãos e irmãs indígenas para que ficassem juntos, que só assim estariam lutando pela mesma causa, que é a causa indígena. Ele sempre afirmava que só com a luta iríamos recuperar nossos territórios tradicionais. O que ele dizia era que queria “ver os próprios índios se levantando”, assim afirma o Tupai “a voz que nunca pode ser esquecida”

Em primeiro lugar, é preciso unir de novo povos indígenas. O nosso caminho não será de rosa. Talvez muitos de nós devemos escrever a nossa história indígena com o sangue, como tem acontecido a nossos irmãos. Temos o dever sagrado de defender o que é nosso. (Marçal Tupã)

Segundo a liderança tradicional Augusto Gomes, Marçal foi uns dos grandes líderes que idealizou a permanência da luta pela terra em Pirakua. “Ele surgiu aqui na aldeia visitando nossas famílias e na sequência sugeriu para nós lutarmos por essa terra”, afirma Augusto.

E desde então, estimulados pela força de Marçal, nossos parentes começaram a fazer suas casas e roças e mostrar que os indígenas estavam ocupando o território que o fazendeiro estava dizendo que era dele. É consenso entre as lideranças kaiowá de Pirakua que Marçal de Souza incentivou e teve o papel fundamental, marcando o início da luta pela terra.

Dessa maneira os Kaiowá se organizam para se manter forte nesta aldeia e para não desistir. Se fortaleceram com a força dos rezadores através de suas rezas, ficaram firmes e lutaram contra a opressão. Por apresentar densas matas nesta aldeia os fazendeiros que diziam serem os donos não queriam desistir dessa riqueza para poder

explorar e se enriquecer cada vez mais, mas nosso povo não desistiu e foi somando suas lutas com outros líderes que foram nascendo e, desde então, pela luta que não foi nada cor de rosa, conquistamos com muita resistência a terra.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi registrar e compreender a simbologia do espaço territorial Pirakua no processo de luta pela retomada do nosso território ancestral. Assim, busquei reviver através da escrita o modo como as famílias de Pirakua resistiram diante da violência dos fazendeiros, se sustentando de forma saudável e em harmonia com esse espaço territorial.

Parto do ponto de vista ancorado no fato de que antes do período de invasão colonialista nosso povo consumia alimentos saudáveis, que eram oferecidos pela Mãe Terra, provenientes desse lugar de grande importância para os Guarani Kaiowá. Além disso, busquei realizar uma reflexão sobre os vários fatores que acarretam a derrubada de parte da floresta que envolvia a nossa região.

CAMINHOS DA PESQUISA: *Aldeia Pirakua: o buraco do peixe*

Essa pesquisa foi realizada na Aldeia Pirakua, aldeia onde vivo, que se localiza na porção oeste do Estado do Mato Grosso do Sul, município de Bela Vista, e abriga uma área de 2.384 mil ha, com uma população de 537 habitantes (SIASI/SESAI, 2014) (Figura 1). Essa aldeia é composta basicamente por quatro regiões (Ponte, Palmeiras, Morro e Piri), de forma que cada uma das regiões apresenta características particulares na ocupação e na territorialização. A prática da caça e da pesca ainda é bastante utilizada na aldeia, complementando assim, o sustento das famílias (PRADO, 2013).



Figura 1. Localização da Aldeia Pirakua, no sudoeste do estado do Mato Grosso do Sul. Fonte: Projeto Gestão Ambiental e Territorial Indígena (GATI).

Esse território, situado às margens do rio Apa, representa o extremo norte do território tradicional Kaiowá. Pirakua, pode ser interpretado como buraco do peixe, e é um lugar muito bonito e significativo, em uma região de montanhas e matas, povoado de natureza, biodiversidade e cosmologia.

Por outro lado, a história do povo kaiowá da Aldeia Pirakua é repleta de lutas. Esse tekoha foi identificado em 1985, demarcado em 1986 e homologado em 1992, sendo a primeira terra retomada desde 1925, época em que ocorria o processo de isolamento em pequenas áreas ou reservas, pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI).

Assim, esta comunidade conseguiu permanecer na parte de mata, no fundo da fazenda que roubou as terras, até início da década de 1980, quando receberam a visita de Marçal de Sousa, a grande liderança indígena, que na época trabalhava na FUNAI como enfermeiro, e morava na aldeia Campestre.

Marçal Tupã-y, junto a outras lideranças da aldeia, passaram a se organizar e resistir bravamente contra a pressão feita pelos fazendeiros, que pressionavam a comunidade a abandonar as terras, para que assim eles pudessem roubá-las. E, aos poucos, a comunidade foi se mobilizando e criando um consenso para defender com toda força a permanência no território.

Como fruto dessa luta, a Aldeia Pirakua manteve seu território e hoje é uma das poucas aldeias indígenas em Mato Grosso do Sul que ainda apresenta mata, rio limpo e terra fértil para a roça. Essa natureza conservada ainda possibilita as atividades de caça e a pesca e essas são características que possibilitam que as famílias permaneçam na aldeia, sem a necessidade de se afastem para trabalhar na cidade ou nas usinas de etanol.

Por morar e viver nessa aldeia que apresenta características específicas de conservação da biodiversidade do território escolhi esse lugar para ser o campo desta pesquisa.

Aportes metodológicos

Como metodologia de pesquisa adotei, por exigência da natureza do trabalho, a abordagem qualitativa, procurando entender as memórias bioculturais e simbólicas dos Kaiowá da aldeia Pirakua a respeito do local sagrado conhecido como Pirakua.

Assim, diversas perspectivas metodológicas foram empregadas no sentido de uma complementar a outra, focando em especial nas múltiplas dimensões da importância desse lugar na resistência territorial do meu povo.

Esse trabalho trata-se de um estudo inicial, o qual merece estudos mais profundos, de forma que, partindo de elementos narrativos e visuais (encontros e entrevistas), busquei refletir sobre o significado simbólico, biocultural e material do espaço sagrado Pirakua para o meu povo.

Como abordagem metodológica recorri à participação observante (ALBERT, 2014) aliada à diálogos, como método gerador de dados, na qual se pede para a/o participante falar sobre o assunto pretendido, ou seja, o lugar sagrado na aldeia Pirakua.

A entrevista é um procedimento específico que perpassa cada aspecto da construção das narrativas, dando sentido e significação às experiências pensadas, vividas e sentidas. A prática das entrevistas está intimamente relacionada a um processamento de encontros e diálogos em que a entrevistadora e a/o entrevistada/o, durante a entrevista, se reconhecem enquanto parceiros e colaboradores em um trabalho coletivo (POSEY, 1987).

O trabalho de campo foi realizado no período compreendido entre abril de 2021 a julho de 2021. Os diálogos foram anotados em caderno de campo logo após os encontros e as conversas. Também foram gravados áudios, vídeos e registrado imagens, quando era adequado e permitido pela/o participante da pesquisa.

Saliento que cópias digitais, contendo as imagens, áudios e vídeos produzidos por esse estudo serão entregues às lideranças da aldeia e sua divulgação será ampla, tanto do aspecto científico quanto do aspecto comunitário, podendo ainda a comunidade requer acesso, a qualquer tempo, sobre materiais e informações produzidas nesta pesquisa.

Isto posto, em observância aos Direitos destes Povos, à Legislação concernente ao tema e ao Compromisso Ético entre pesquisadores e Povos que colaboram neste intercâmbio científico. Esta metodologia que respeita os Povos, esquivando-se de abordagens etnocêntricas, está de acordo com o preconizado por Marques (2002) e Albuquerque et al. (2010), que versa sobre métodos de coleta e análise de dados em Etnobiologia e Etnoecologia, a partir da perspectiva ética.

O bem viver em meio ao desrespeito com a natureza

Esse trabalho foi construído a partir do território da aldeia Pirakua, que significa buraco de peixes. Esse local de grande importância para a comunidade é localizado próximo a aldeia Pirakua e na época em que foi delimitado o território para a demarcação não registraram esse local, de forma que ficou fora da aldeia. É muito importante memorizar a partir dos relatos sobre este território tão importante para os kaiowá que

vivem nela, que tem umas grandes histórias marcantes relacionadas ao modo de viver e de conviver com a natureza (Figura 2).



Figura 2. Pirakua, buraco do peixe. Foto de Inair Lopes, 2021.

O ser humano desde o início vem explorando cada vez mais o planeta em que vive transformando-o de diferentes maneiras desrespeitando a natureza, ou seja, a Mãe Terra. Essas transformações muitas vezes acontecem de forma devastadora em meio aos territórios, transformando-o com mudanças avançadas e comprometendo o contexto histórico da etnicidade cultural e biológica de outros seres da Terra.

As relações sociais com a natureza para os indígenas são muito mais importantes do que a matéria que se encontra no espaço, já que a forma com que esses povos se conectam com a natureza é simbólica, e essa forma de relação vai definindo cada cultura e sociedade. Assim, povos em diferentes territórios se apropriam dessas relações construídas no decorrer de gerações na busca de permanência dos seus espaços para garantir uma vida sustentável de alma e espírito. De acordo com o pesquisador kaiowá Eliel Benites (2021), o ser humano mesmo não percebendo está inteiramente ligado com a natureza, de forma que

A pandemia ocasionada pelo novo coronavírus, SARS CoV- 2, causador da doença Covid-19 revelou como a saúde humana é intimamente interligada com a forma como nos relacionamos com o ambiente. Toda essa dinâmica de doenças e saque à biodiversidade está relacionada a um amplo processo de expansão da devastação de habitats, territórios e ecossistemas diversos e saudáveis para avanço da fronteira extrativista (Benites et al., 2021).

Assim, a diminuição do território vem comprometendo a vida dos Guarani Kaiowá no estado de Mato Grosso do Sul, de forma que esse território está cada vez mais

moldado devido ao desenvolvimento dos grandes projetos do agronegócio. Desse modo, os Guarani Kaiowá veem o entorno de nossos espaços ocupados pelo agronegócio e tudo que o cerca, como monocultura, contaminação do solo, da água e do ar e assassinatos de lideranças indígenas. Nosso território tradicional está bastante reduzido e nos encontramos resistindo em prol da sobrevivência.

Assim, a cada ano desse processo de desenvolvimento e globalização observamos que nossos espaços territoriais acabam diminuindo e vêm nos atingindo em diferentes escalas, dizimando nossas raízes, conhecimentos e os saberes que se encontravam nestes lugares, e que no momento atual vem sendo substituído por grandes lavouras de monoculturas no modo de ser dos não indígenas (karai reko) (Pavão et al., 2020). A pesquisadora kaiowá Sônia Pavão busca refletir que o mundo está doente e espalhando doenças, devido ao grande desenvolvimento global.

O predatismo colonial e capitalista tem devastado territórios de vida de diversas populações e tem esgotado habitats vitais inteiros colocando cada vez mais espécies em risco, incluindo a própria espécie humana. Assim, é possível refletir a possibilidade de que pandemias podem estar relacionadas a uma reação do planeta Terra, tão doente e maltratada diante das graves agressões desferidas pelas mentes e mãos das sociedades das mercadorias, cuja falta de sabedoria e de humanidade transformou a natureza em produto e recurso (PAVÃO et al., 202, p. 07).

Nesse sentido, os territórios tradicionais guarani kaiowá estão modelados por um sistema de produção agrícola latifundiária e de monoculturas, com plantações de soja e milho. Nesse modelo de produção se usa muito veneno, ou agrotóxicos, com o intuito de espantar os seres que atacam as produções, mas em meio a isso os seres humanos, principalmente os indígenas, acabam sofrendo com intoxicação química que inalamos pelo ar, e que ingerimos através da água e da nossa alimentação. Essa contaminação faz com que as pessoas fiquem adoecidas e não tenham mais onde buscar recursos naturais, já que o veneno mata muitas outras plantas e assim, o cuidado com a saúde indígena através das plantas medicinais está sendo muito afetado com a extinção desses remédios.

Sabemos que os territórios em que ainda se encontram grande conservação da diversidade biológica, são precisamente territórios em que estão os povos indígenas (GARNETT et al., 2018). Essas relações definem a resistência política pela diversidade cultural e socioterritorial contra a racionalidade da monocultura das fronteiras do agronegócio.

Nesse contexto, a aldeia Pirakua vem resistindo a essa imposição do desenvolvimento agrícola dentro da comunidade, de modo que esse tipo de produção agrícola não está nas características do modo de viver dos kaiowá. A importância técnica no processo de construção das produções agrícolas e para consumir os alimentos juntamente com seus familiares e a reciprocidade entre os kaiowá no espaço geográfico em que vivem ou viviam são partes fundamentais dessa tecnologia espiritual que orienta o modo de ser e viver do povo Kaiowá.

Desta maneira até os dias de hoje os Kaiowá de Pirakua seguem resistindo e lutando pela preservação em meio a uma grande dificuldade de orientar as mentalidades e os novos cuidados das gerações mais novas para com a natureza. Neste sentido a aldeia Pirakua é muito importante para este povo que tem histórias vividas desde a década 40.

Nessa época tínhamos densas florestas, animais, aves, plantas, frutas e entre outros seres existentes. A partir do momento em que foram se expandido a chamada civilização, muitos lugares foram modificados, principalmente nossas florestas. No entanto, a Aldeia Pirakua manteve suas estruturas nativas na maioria do território e somente poucas estruturas não-indígenas foram levantadas, como a construção da escola, posto de saúde, poço artesiano, algumas casas com material de alvenaria, lavouras familiares e etc.

O senhor José Conceição, morador da aldeia usa a seguinte frase "a nossa farmácia está acabando". Ele deixa uma reflexão clara de que os espaços onde se encontrava determinados recursos naturais estão deixando de existir (ñande jepo rekaha). Assim, nos lugares onde procuramos recursos naturais, no entorno da aldeia Pirakua, ainda se encontram plantas medicinais, algumas frutas nativas e várias espécies de remédios tradicionais, mas a cada dia essas plantas estão se mostrando mais escassas. É nessa região específica que se encontra o lugar sagrado Pirakua.

As plantas medicinais são encontradas somente nessa região específica da aldeia, no terreno alagado e antigamente as pessoas coletoras e conhecedoras de remédios se deslocavam para esse local em busca de remédios específicos para poder dar a seus familiares ou para pessoas a quem encomendou. Esse local sagrado era o único lugar que se encontrava aquelas espécies de plantas, já que essas plantas não são encontradas em lugares mais próximos.

Infelizmente nos dias atuais este lugar tão sagrado e tão importante na nossa luta pela resistência e para a demarcação do nosso território está sendo destruído para dar

espaço para a lavoura, que provavelmente irá prejudicar o rio Apa, onde ainda se encontra peixes para o sustento das famílias e para o sustento de outras espécies de seres vivos.

Segundo o senhor José, a partir do momento em que for se expandindo as lavouras e modificando o lugar sagrado Pirakua, ficaremos sem recursos para nos proteger de várias doenças que estão se aproximando da humanidade. Isso porque a falta de árvores, que são essenciais na proteção contra as doenças invisíveis que existem desde a nossa existência, faz com que os seres invisíveis protetores e guardiões se afastem e assim ficaremos sujeitos a diversas doenças.

Nesse sentido, é de grande importância compartilhar as reflexões das memórias que os nossos anciões relatam sobre as cosmovisões das vivências de famílias indígenas dentro de um território sagrado como é o caso de Pirakua. Assim, é muito importante ouvir relatos das memórias de como era a forma de se organizar, quais eram as múltiplas estratégias de resistência da pressão da luta pela sobrevivência contra os fazendeiros em frente ao agronegócio e também pelo enfrentamento da doença do novo coronavírus da Covid 19.

Mesmo porque em épocas passadas, doenças como varíola, sarampo, febre amarela ou mesmo a gripe estão entre as razões para o declínio das populações indígenas no território nacional, passando de 3 milhões de índios em 1500, segundo estimativa da Funai (Fundação Nacional do Índio), para cerca de 750 mil hoje, de acordo com dados do governo.

Ao buscar essa pesquisa me deparei com uma grande luta de resistências que nossos ancestrais já tinham vivido e que hoje estamos no mesmo caminho, onde a civilização está dominando nosso povo para um pensamento mais capitalista que dificulta a maneira de lutar pelo mesmo direito e a desigualdade é gigantesca em meio a população indígena. Sob esse contexto o espaço sagrado Pirakua teve extrema relevância para na luta pela demarcação da nossa Terra Indígena.

Assim, ao refletir essa combinação entre a produção agrícola, o território e a pandemia no território Kaiowá de Pirakua, contada a partir do diálogo que os rezadores ou mais velhos da aldeia, é ressaltada a destruição das vegetações nativas, do desrespeito da biodiversidade, a destruição das nascentes e rios e uso contínuo de agrotóxico poluindo o solo e diminuindo os territórios, como fatores de doença e desequilíbrio que acabam com a harmonia territorial em razão do olhar capitalista em desenvolver mais produções de monoculturas.

Essa forma de governar em prol ao desenvolvimento econômico aumenta violentamente a degradação ecológica de ecossistemas através do uso dos seus poderes dentro de um sistema político-econômico que tem como objetivos a total desrespeito contra os grupos de pessoas que defende a política ecológica voltada para a preservação da natureza (KOPENAWA e ALBERT, 2015; KRENAK, 2019).

Considerações Finais

Compartilhar conhecimentos com culturas indígenas é de fato agregador e engrandecedor para a ciência convencional e ocidental. A possibilidade de refletirmos o mundo natural a partir de outras visões do mundo faz com que alternativas possam ser encontradas para resolvermos os desafios da humanidade e aumentar a qualidade de vida das populações. E este é um assunto urgente já que a vida no planeta tem sido pouco valorizada e os movimentos que eliminam a biodiversidade estão cada vez mais atuantes.

Conseqüentemente, todos os diálogos, os momentos, as vivências foram de grande relevância para compreender aspectos culturais do povo Kaiowá e assim consegui chegar numa prévia conclusão: as narrativas me revelaram a magnífica importância da espiritualidade, centrada na natureza, na construção da visão de mundo do meu povo. Além disso, refleti que tal leitura de mundo está intrinsecamente associada ao observar, compreender e sentir o mundo natural entrelaçado ao mundo espiritual. Para nós, Kaiowá, todos os seres vivos são dotados de grande relevância no mundo natural e espiritual, portanto devem ser conhecidos e respeitados.

Desejamos que este estudo contribua com informações acerca dos conhecimentos tradicionais do povo indígena Kaiowá, para que assim possam ser utilizados na construção de processos que pautem a melhoria das relações dos seres humanos com os espaços sagrados, com os animais, com a Mãe Terra e com as economias referentes ao bem viver.

Neste sentido, almejamos que todas as pessoas tenham clareza sobre a necessidade e a importância do diálogo com os saberes indígenas visando o adiamento do fim do mundo. Acredito que a organização e solidariedade dentro das comunidades indígenas como ocorre em Pirakua seja exemplo de luta e resistência pela sobrevivência e como estratégia para manter e valorizar o bem viver Kaiowá, fortalecendo o modo de vida no seu contexto histórico de vida.

Agradecimentos

Agradeço com coração cheio de alegria e esperança a toda a aldeia Pirakua pela experiência adquirida nas vivências e compartilhamentos de saberes.

Referências

- ALBERT, Bruce. “Situação Etnográfica” e Movimentos Étnicos. Notas sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano. *Campos-Revista de Antropologia*, v. 15, n. 1, 2014.
- ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; LUCENA, Reinaldo; CUNHA, Luiz Vital Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. Recife: Nupeea, v. 559, 2010.
- GARNETT, Stephen T. et al. A spatial overview of the global importance of Indigenous lands for conservation. *Nature Sustainability*, v. 1, n. 7, p. 369-374, 2018.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. Paisagens, territórios e pressão colonial. *Espaço Ameríndio*, v. 9, n. 3, p. 327, 2015.
- MARQUES, José Geraldo Wanderley. O olhar (des) multiplicado. O papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. In: AMOROZO, MCM, p. 31-46, 2002.
- NOAL, Mirian Lange. As crianças guarani/kaiowa: o mita reko na aldeia Pirakua/MS. 2006. 353p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2006.
- PAVÃO, Sônia et al. Plantas medicinais dos povos kaiowá e guarani como possível prática complementar no enfrentamento dos sintomas da covid-19. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v. 15, n. 4, p. 14, 2020.
- PEREIRA, Levi Marques. O movimento étnico-social pela demarcação das terras guarani em MS. *Tellus*, p. 137-145, 2003.
- PEREIRA, L.M. Os kaiowá em Mato Grosso do Sul: módulos organizacionais e humanização do espaço habitado. Dourados: UFGD, 2016. 196p.
- POSEY, Darrell Addison. Etnobiologia: teoria e prática. *Suma etnológica brasileira*, v. 1, p. 15-25, 1987.

Capítulo 2. Alimentação kaiowá no passado e no presente: conhecimento tradicional e memória biocultural como estratégia de soberania alimentar e territorial

Resumo

Os povos indígenas, em diversos contextos, desenvolveram práticas únicas de gestão territorial que são capazes de gerar alimentos, além de preservar a biodiversidade local. Nesse sentido, em um mundo onde a segurança alimentar e a soberania alimentar e nutricional têm se mostrado cada vez mais volúvel, o modo comunitário pelo qual os povos indígenas provêm sua alimentação é capaz de apontar caminhos e respostas em relação à soberania alimentar e territorial e à construção de sistemas alimentares sustentáveis e saudáveis. O objetivo deste trabalho foi conhecer e analisar aspectos da alimentação do povo Kaiowá, da aldeia Pirakua, município de Bela Vista, Estado de Mato Grosso do Sul, território onde nasci e vivo. Esta pesquisa se justifica pela importância de conhecer aspectos relacionados à alimentação e aos hábitos alimentares em comunidades indígenas e suas mudanças em consequência das alterações da sociedade e do ambiente. A pesquisa foi realizada entre os anos de 2020 e 2022, com metodologia de caráter qualitativo, transitando entre a participação observante e o movimento de entrevistas semiestruturadas e livres, além de registros fotográficos. O público alvo da pesquisa foram os/as anciãos/ãs da aldeia Pirakua. Por meio da participação e das entrevistas pude refletir sobre o modelo tradicional de alimentação do meu povo e as mudanças culturais que foram se estabelecendo logo após o processo de invasão e colonização dos territórios kaiowá. Destaco aqui a importância da alimentação tradicional, desde o ymaguare reko (modo de ser de antigamente) para a garantia da existência do ava reko (forma de ser) e da soberania alimentar e territorial.

Palavras-chaves: Agricultura indígena; Alimentos tradicionais; Sistemas Alimentares; Soberania alimentar.

Introdução

A alimentação está entre os principais determinantes da saúde humana e da redução da fome, de modo que a alimentação tem sido considerada elemento fundamental para sanar a atual crise humanitária. Desse modo, os esforços para diminuir a desnutrição e a fome irão depender da reconfiguração da alimentação, dos hábitos alimentares e dos sistemas alimentares. A homogeneização dos sistemas alimentares, produto da Revolução Verde, após a segunda Guerra Mundial e a conseqüentemente degradação ambiental é de ordem global e são responsáveis por processos geradores de desequilíbrios originados no interior das sociedades ocidentais.

Nesse sentido, as sociedades humanas atuais têm enfrentado um número crescente de demandas relacionadas às questões alimentares e ambientais e, cada vez mais se torna

evidente a necessidade de uma mudança profunda na forma com que são construídas as relações com a agricultura, o ambiente e com os demais seres vivos que habitam a biosfera (PAVÃO, 2021).

Por outro lado, o acúmulo do conhecimento etnobiológico construído milenarmente pelos povos indígenas, nos diversos ecossistemas do planeta fez com que essas sociedades pudessem elaborar técnicas sofisticadas de agricultura, de alimentação e de manejo das riquezas naturais, de forma a obter um consistente aproveitamento ecológico da grande diversidade biológica (PEDRO, 2021).

Assim, compreender a cosmo percepção e a relação dos povos indígenas com a alimentação, com o território e com os seres vivos que o coabitam é um aspecto fundamental para ampliar horizontes relacionados à sistemas alimentares sustentáveis e alinhados com a conservação da biodiversidade (PEREIRA e DIEGUES, 2010).

De fato, a sustentabilidade alimentar se faz através das multidimensões ecológicas, sociais, econômicas, culturais, políticas e éticas, pois a construção dos sistemas alimentares atrelados à conservação ambiental e à conservação das riquezas naturais dependem de significado e relevância, que muitas vezes perpassam aspectos materiais, místicos e sobrenaturais (KATZ, 2009).

Nesse sentido, os conhecimentos indígenas a respeito da construção dos sistemas alimentares devem ser valorizados e utilizados, uma vez que a identidade cultural dessas populações precisa ser entendida como prática sociocultural realizada particularmente no ambiente onde vivem (LESCANO, 2021).

Desta maneira, é fundamental partir para a busca de soluções dos problemas relacionados à segurança/soberania alimentar e a conservação da biodiversidade tendo em vista a análise das relações das diferentes culturas e sociedades com o mundo natural (DIEGUES, 2000).

Este trabalho tem a finalidade de conhecer, registrar e fortalecer o conhecimento tradicional do povo Kaiowá associado aos alimentos tradicionais na aldeia Pirakua, município de Bela Vista, Mato Grosso do Sul, sob o ponto de vista da sustentabilidade. Nesse contexto, busquei refletir e discutir sobre aspectos relacionados às aceleradas mudanças ambientais e culturais que estão fazendo com que os alimentos mais antigos estejam sendo desconsiderados pelas gerações atuais, substituindo o hábito alimentar de nossos ancestrais por comidas instantâneas (enlatados, embutidos, alimentos processados e ultraprocessados) e por produtos muitas vezes prejudiciais à saúde.

Caminho Metodológico

Terra Indígena Pirakua

Esse trabalho foi construído na Terra Indígena Aldeia Pirakua, território onde vivo, localizado no município de Bela Vista em Mato Grosso do Sul, distante 315 Km de Campo Grande, a capital do estado (Figura 1). Esse nosso território foi uma área de resistência e logo veio o processo de luta pela terra que iniciou neste ano de 1985 e demarcado em 1992 com uma área de 2.384.0554 ha e abriga cerca de 120 famílias, compondo 500 pessoas.

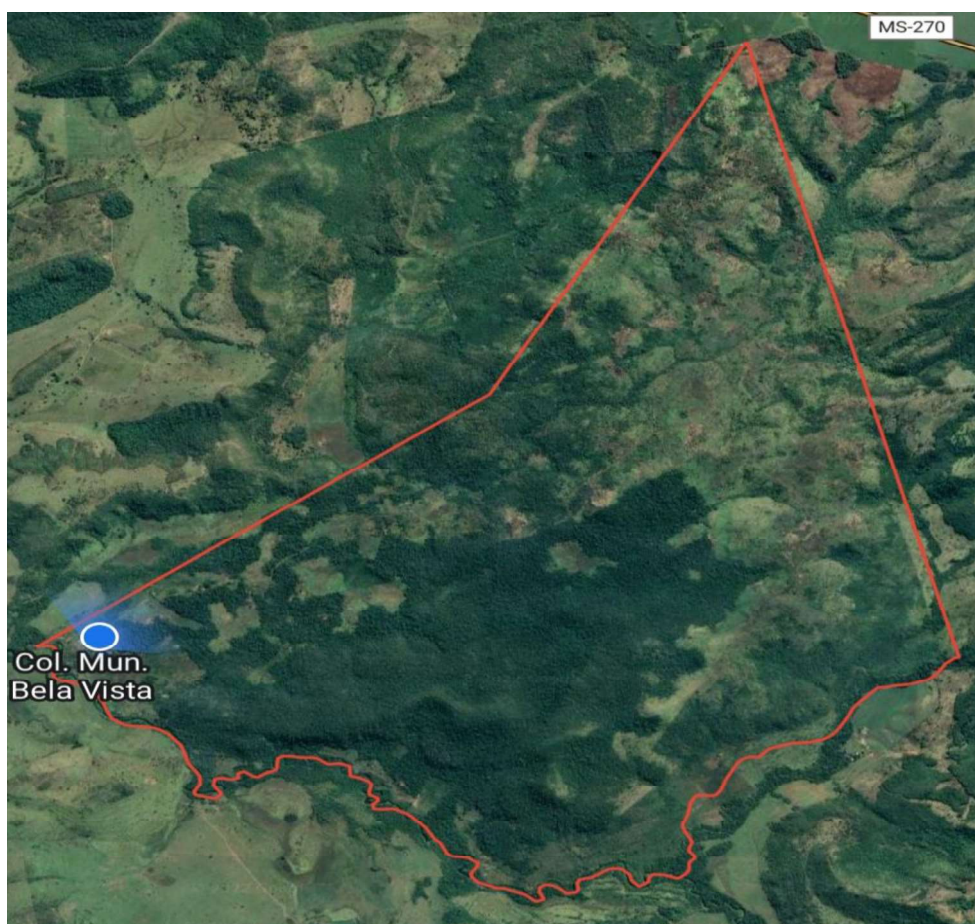


Figura 1. Aldeia Pirakua, município de Bela Vista, Mato Grosso do Sul. Imagem de satélite Google.

A imagem acima representa a imagem via satélite da aldeia, onde se pode observar que grande parte da vegetação ainda está conservada, apresentando mata, rios e relevo característico. As famílias desta aldeia têm roças tradicionais e neste local ainda são encontrados animais de caça, pesca, raízes e frutas. A Terra Indígena Pirakua constitui bioma de Cerrado, com fragmentos de Mata Atlântica e por apresentar essa diversidade

de paisagens os anciãos a consideram como território sagrado, de modo que a terra significa nosso corpo, o corpo tem espírito, os espíritos de todos os seres têm jaras (donos), que vivem em cada parte do território e, por esta razão esta terra é sagrada (Figura 2).



Figura 2. Localização do local sagrado Pirakua, fora da aldeia Pirakua. Imagem de satélite Google.

Esta imagem foi obtida via satélite através do site Google. Como é possível observar, onde é localizado o lugar sagrado Pirakua ficou legalmente de fora da aldeia demarcada. Esta imagem é atual, onde recentemente o agronegócio se faz presente no nosso território, acabando com a nossa riqueza de plantas e de nossos alimentos. Em acima do Pirakua onde está marcada na cor rosa, está localizada a maior plantação de milho e soja na nossa região. Isso traz uma grande preocupação de que no futuro não teremos mais alimentos saudáveis devido ao uso de agrotóxicos.

O nome da Aldeia Pirakua é na língua materna que é guarani, em português significa buraco de peixe e foi a primeira terra indígena Kaiowá reconquistada desde

1925, quando houve o processo de confinamento em pequenas áreas ou reservas, pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI).

De acordo com a pesquisa de Júnior Joel Lopes Machado realizada em 2006, nas aulas do curso médio Ara Vera, foi identificado que

Com a expansão das fazendas na região do Rio Apa, Antonio João, Bela Vista e Ponta Porã, os indígenas iam sendo expulsos das suas terras tradicionais. Com essas expulsões, um pequeno grupo de famílias chegou a outra margem do rio Apa, lugar conhecido como Pirakua (buraco de peixe), um lugar muito bonito, com extensas matas virgens, muita pesca e caças além de terra boa para praticar agricultura. Essas famílias eram parentelas dos Sarates, dos Francos, dos Vargas, dos Barbosas, dos Gomes e dos Irenos.

Pirakua é um lugar muito bonito e significativo para o meu povo, repleto de histórias e conhecimentos inspirados pelo grande Rio Apa, que percorre a região. Essa aldeia, apesar de ter pouco mais de 2 mil hectares é hoje um lugar muito especial dentro do contexto das terras indígenas Kaiowá e Guarani. A terra dessa aldeia é considerada muito fértil, com muitos peixes, árvores, frutas e com mais de mil hectares de Mata Atlântica, praticamente intacta.

Assim, a geografia da aldeia é constituída, em boa parte, por mata, de onde as pessoas tiram grande proveito, coletando lenha e madeiras para construir casas, caçando e pescando animais. Nesse território nós também praticamos agricultura de subsistência, cultivando alimentos como: mandioca, batata doce, milho, feijão, arroz e, recentemente, a horticultura. Também praticamos criação de pequenos animais para nosso consumo próprio. O relevo é composto por morros, planas, alagados/várzeas (Figura 3).



Figura 3. Terra Indígena Aldeia Pirakua, Bela Vista, Mato Grosso do Sul. Foto de Inair Lopes, 2021.

Participantes da pesquisa

Como sou pesquisadora kaiowá pesquisando meu próprio cenário de vida, foram disponibilizados uma série de recursos que me proporcionaram ter à disposição situações cotidianas, vivenciadas no dia a dia da minha aldeia, que me facilitaram as reflexões e os diálogos. Desse modo, o trabalho de campo se articulou em dois movimentos, onde no primeiro foi feita a participação observante, participando e registrando o plantio e a colheita de alimentos, além do manejo e do preparo dos alimentos tradicionais do meu povo.

Já no segundo movimento contei com a sabedoria ancestral das/os líderes políticos e espirituais da minha aldeia, além de anciãs e anciões, os quais considero mestres e mestras tradicionais do meu povo. Desse modo foram construídos momentos de conversa e diálogo com o objetivo de aprender e compreender aspectos da alimentação tradicional kaiowá de antes e de hoje, na aldeia Pirakua.

Os principais interlocutores responsáveis em contribuir para que esse trabalho fosse realizado foram: Oracilda Ramires (anciã conhecedora das práticas alimentares); Ramona Gomes (mulher conhecedora de alimentos tradicionais); Augusto Gomes (liderança política da aldeia Pirakua); Lidio Escalante (ñanderu rezador); Maria Eliza Vargas (grande conhecedora dos alimentos tradicionais); Darcy Diana Reginaldo Gomes (liderança da aldeia), Marcia Canteiro (mestra tradicional); Bernarda de Souza (mestra tradicional); José Conceição Lopes Machado (liderança tradicional); Juvelina Escalante e Delfina Gomes (agricultoras e conhecedoras da alimentação tradicional kaiowá).

Alimentação tradicional kaiowá: transitando entre o antes e o agora

Os nutrientes são encontrados em diversos alimentos como nas carnes, nos vegetais, nas frutas e nas raízes que, pela ciência ocidental, ao serem ingeridos são distribuídos pelo organismo humano, que é essencial no desenvolvimento do organismo. Para os povos indígenas, em geral, o processo da alimentação e da nutrição envolve outras questões para além do processo estritamente nutricional.

Antes de mais nada, é preciso considerar que quando pensamos sobre alimentação de povos indígenas, estamos falando de diversos povos, com suas peculiaridades de se alimentar, que se baseiam em complexos conhecimentos tradicionais, passados de

gerações pra gerações, de modo a melhor se aproveitar as riquezas naturais disponíveis para a subsistência.

Do mesmo modo, é preciso admitir que hoje em dia muitas mudanças alimentares ocorreram devido à colonização e à agro/industrialização, as quais invadiram nosso território e causaram profundas mudanças no modo de alimentação tradicional indígena. Atualmente, o mundo todo se encontra dentro de um modelo de alimentação pobre, doente, que é baseado em alimentos envenenados e industrializados.

A partir dos diálogos com as/os grandes mestres/as que me ajudaram a construir essa pesquisa, ficou muito evidente a vital importância dos nossos alimentos tradicionais guarani kaiowá, que nasceram junto com nossos antepassados e que, desde então, têm a missão de fortalecer a saúde, a cultura, o espírito e a vida do nosso povo originário.

Nesta pesquisa, segundo as mestras e mestres tradicionais kaiowá, o alimento é uma fonte de conhecimento e serve não só para alimentar o corpo, mas também serve para orientar a vivência kaiowá no dia a dia, tanto no passado, quanto no presente e no futuro, a partir do modo de ser e agir kaiowá tradicional.

Mas para pensar algumas reflexões sobre a alimentação tradicional kaiowá de Pirakua, precisamos voltar um pouco no tempo para entender como era esse território anos atrás. A região habitada pelo povo da minha aldeia no tempo antigo era repleta densas florestas que ofereciam diversos tipos de alimentos como a caça, a pesca, a coleta de frutas, plantas comestíveis e algumas raízes, e entre outros alimentos encontrados no local. Além disso, tínhamos nossas roças tradicionais, onde eram cultivados os nossos alimentos sagrados como o milho branco e a mandioca.

Pesquisas anteriores desenvolvidas sobre os Guarani mostraram que esses povos tinham o milho como base da alimentação e com esse alimento produziam diversos pratos. Junto ao milho se acrescentava produtos coletados na floresta como frutas, vegetais e mel, de modo que muitas folhas raízes, rizomas, bulbos, talos, sementes e brotos eram adicionados na confecção do cardápio tradicional (NETO et al., 2003).

Desse modo, os vegetais coletados na floresta e aqueles cultivados nas roças tradicionais serviam de condimentos, forneciam amido através de seus rizomas, que também poderiam ser transformados em farinhas, aumentando assim o número de alimentos estocáveis (NOELLI, 1993). A caça e a pesca de animais também tinham papel fundamental na alimentação tradicional dos Guarani, de modo geral.

Além do milho, da coleta na floresta e da caça e pesca, a alimentação Guarani também era composta de vários outros cultivares, como a mandioca, a batata e o

amendoim, que eram processados pelo cozimento, desidratação, defumação, assando sobre brasas com diversas formas de manipulação ou preparação (LESCANO, 2021).

No entanto, com o avanço da fronteira agrícola para a região Centro-Oeste, a floresta foi praticamente substituída por atividades agropecuárias que destruíram os ecossistemas e muito da diversidade biológica ali presente (MARTINS et al., 2020).

Assim, com a chegada dos colonizadores, nossa terra foi invadida e roubada e pouco a pouco a mata foi sendo derrubada, principalmente para o estabelecimento de grandes fazendas. Com a retomada do nosso território, em meados de 1980, a mata voltou a ser preservada, pois sabemos o valor e a importância dela, de modo que até hoje existe uma área bastante grande de mata nativa na nossa aldeia.

Augusto Gomes, umas das lideranças tradicionais que participou e me ensinou muito durante a pesquisa, relembra que antigamente, antes de termos proximidade com os não indígenas, nosso povo buscava os alimentos de acordo com nossa cultura e conhecimento. Assim, nossos ancestrais migravam de local a local na busca por mais alimentos para assim garantir a subsistência alimentar, cultural e garantir a saúde de nosso corpo e espírito.

Naquela época, segundo Augusto, essa migração permitia a liberdade de ir e vir do nosso povo e não existia confinamento, desse modo acampavam nos locais mais apropriados onde era facilitada a coleta, sendo que a beira do rio era um lugar bastante preferido. Assim, nossos antepassados viviam de caça, da pesca e da coleta de frutas e raízes que conheciam para manter suas dietas.

Desta maneira, nosso povo conseguia manter a saúde física e espiritual em bom estado para poder caminhar em busca de mais alimentos, visto que esses alimentos tradicionais davam energia para terem disposição e assim permanecerem sempre firme na busca de garantia da alimentação saudável que nutre o corpo, o espírito e o nosso modo de ser.

Nessa mesma perspectiva, a anciã Oracilda Ramires de 90 anos, lembra que ao terminar de coletar os alimentos ofertados pela floresta ao redor de suas moradas, já se planejavam para deixar o local e ir em para outra área que oferecia mais alimentos. Desta maneira, segundo a anciã, os filhos iam crescendo e acompanhando seus pais nas atividades de busca e coleta de alimentos.

A anciã ainda relata uma importante reflexão sobre aquilo tudo que estavam vivendo: “não era uma vida boa e nem ruim”, de modo que era uma situação de

sobrevivência diária e isso não é considerado ruim pela anciã, já que “havia muitos alimentos nas grandes florestas que na época tinha em todo nosso território”.

Ainda nessa mesma linha, a liderança tradicional Lídio Escalante, lembra que no tempo antigo não havia preocupação sobre a falta de alimentos, já que naquela época não se podia pensar que um dia faltaria alimentos para o nosso povo, pois a floresta era muito grande e rica em alimentos. Desse modo, segundo a liderança, naquele tempo não se preocupavam em guardar as sementes para poder plantar novamente, que naquela época “ka’aguy rusu ndopaihaguaicha akue” (que a mata era tão grande que não faltaria futuramente). Contudo a liderança lembra que “karai kuera ouha oitypa nhande ka’aguy” (então vieram os brancos e desmataram nossa floresta) e por isso está em falta certos alimentos e frutas que faziam parte do nosso conhecimento.

Desse modo, na época antiga, de acordo com as/os anciãs/ões nossa alimentação na região de Pirakua era baseada em três pilares: (1) alimentos da roça tradicional; (2) carne de caça e pesca e (3) frutos, vegetais e mel coletados na floresta.

Iniciarei a exposição dos relatos encontrados durante essa pesquisa com o avati (milho), pela importância histórica, cultural e afetiva que esse alimento tem para o meu povo. Em seguida, somarei as reflexões sobre a mandioca que é outro alimento vital para a nossa existência saudável e sustentável. Os demais alimentos se incorporarão ao texto a partir de cada um dos pilares da alimentação kaiowá tradicional.

Alimentos cultivados na roça tradicional (em kaiowá)

No intuito de compreender a importância do cultivo de nossa alimentação tradicional, através da roça tradicional, contei com a sabedoria da senhora Ramona Gomes, com quem pude aprender muito por meio de toda sua experiência e da vivência com sua família.

A anciã relata que o avati (milho) é o principal alimento dos Kaiowá, sendo que o (avati morotĩ) milho branco tem grande destaque, visto que foi oferecido pelo Tupã Guasu e assim, tornou-se o alimento mais importante e mais sagrado para o nosso povo. O pesquisador kaiowá Eliel Benites, destaca em sua tese de doutorado “A busca do Teko Araguayje (jeito sagrado de ser) nas retomadas territoriais Guarani e Kaiowá”, a importância do avati morotĩ na história do povo Kaiowá, visto que esse alimento é repleto de importância e significado, de modo que esse alimento aparece na história das nossas origens

Os mais velhos contam que no início da nossa existência guarani kaiowa, o Ñande Ryke’y - nosso irmão mais velho, chamado também de Ñanderu, vivia

com suas esposas Ñandesy kuera e o Pa'itambejy ou Jakaira – deus das sementes, em uma casa chamada ongusu – casa grande. Contam ainda que Ñanderu, sempre de costume fazia omochichi – ato de acariciar, por isso, ela ficou enciumada. Como retaliação afirmou que o filho que estava na barriga não era de Ñanderu, mas de Jakaira. Ñanderu ficou muito triste e foi passear na floresta, na volta trouxe na mão três espigas de avati morotĩ – milho branco e disse à Ñandesy Guasu para ir na roça buscar o milho, mas ela não acreditou que o milho estava maduro, porque o período entre o plantio e a colheita foi muito rápido (BENITES, 2021, p. 2).

Desse modo, a anciã pontua que se deve sempre abençoar (nhemongarai) com a reza no início do plantio, na colheita e ao consumir pela primeira vez. Esse alimento sagrado precisa passar pelo processo de cuidado junto ao Ñanderu (rezador) e rituais devem ser realizados na época do preparo da terra para o plantio, na ocasião do plantio e na época da colheita.

O pesquisador kaiowá Isaque João, em sua dissertação de mestrado, destaca com detalhes a importância desses rituais destinados ao jakaira (dono do milho branco) para que o milho seja abençoado e possa fortalecer nosso corpo e espírito como alimento sagrado.

Para o kaiowá, o milho saboró, desde o princípio de sua criação, precisa seguir as mesmas etapas de trabalho, desde seu cultivo a colheita, instituídas pelo jakaira, através da força da reza da reza: deve-se cantar para plantar, para ser protegido das pragas e, por último, na colheita, quando ainda está verde (avati kyry), para que possa ser consumido sem risco para a saúde. Depois da colheita o milho ainda precisa pelo jehovasa, para depois ser distribuído. Essas regras precisam ser efetuadas com objetivo de purificar o milho, para que se torne um alimento especial, extremamente importante para todas as divindades (JOÃO, 2011, p. 28).

Assim, após a colheita do milho branco é feito a chicha, que é uma bebida feita a partir do milho sem utilizar açúcar. Essa bebida deve ser feita por mulheres e todos os indivíduos podem consumir. A chicha é feita para celebrar rituais como mitã nhemongarai (batismos de crianças), jerosy puku (grande reza) e também para consumir em casa.

Outro alimento feito com o milho é a chipa, que é um tipo de bolo feito só de milho. A forma de preparo depende de cada família, mas a intenção é totalmente igual: fortalecer o corpo e o espírito com o alimento sagrado avati morotĩ (Figura 4).



Figura 4. Diversidade de avati (milho): avati pará, avati moroti, avati pytã. Foto de Genni, Ascuri, 2022.

Além do milho, a anciã relata a importância da mandi'o (mandioca) como alimento tradicional kaiowá, que é bastante utilizado na roça dos Guarani Kaiowá. De acordo com a anciã, na concepção Kaiowá, a mandioca sempre fez parte da nossa alimentação preferida. Segundo a anciã, pela história da nossa origem (ñande rembypy),

os Kaiowá consideram que a mandi'ó foi criada por Pai kwara e Jacy (irmãos Sol e a Lua) para nosso alimentar o nosso modo de ser.

Como modo de consumo, a mandi'ó é utilizada no dia a dia da vida kaiowá, estando presente em grande parte das refeições diárias, sendo consumida cozida, assada ou ralado, ou seja, transformada em farinha.

A pesquisadora kaiowá Marcilene Lescano, em sua dissertação de mestrado sobre a roça tradicional, registrou durante sua pesquisa inúmeras variedades de mandi'ó cultivadas pelos Guarani Kaiowá de Taquaperi, confirmando a relevância desse alimento na nossa alimentação

As variedades são: mandi'ó la'onse ou mandi'ó pindo; mandi'ó cesa ou mandi'ó pã; mandi'ó sa'yju ou mandi'ó ju; mandi'ó pemberi ou mandi'ó tapojo'a; mandi'ó kanoa, semelhante (ha'ete) ao mandi'ó pã; mandi'ó kuñatai ou mandioca moça; mandi'ó kamba, igual (ha'ete) ao mandi'ó pã; e mandi'ó takuara (LESCANO, 2021, p. 3)

A anciã ressalta a importância das roças tradicionais para a garantia de uma alimentação saudável e fortalecida pelo nosso modo tradicional. Assim, após a colheita dos alimentos, já era recomendado guardar as sementes e os tubérculos para produzir mais, principalmente os milhos de diferentes variedades, como milho branco, saboró, pipoca, avati para, avati hũ, avati pytã. Além dos outros alimentos de grande importância como kumanda (feijão), mandi'ó (mandioca), jety (batata doce), andai (abóbora), além de outros alimentos.

A senhora Ramona Gomes destaca que as mulheres têm papel fundamental no preparo dos alimentos cultivados na roça, transformando a colheita em outros produtos alimentícios tradicionais como mbeju (farinha de mandioca), polenta de milho, huí farinha de milho e chicha.

Ainda destacando a importância das mulheres na produção dos alimentos tradicionais kaiowá, tive a oportunidade de conversar com a senhora Marcia Canteiro durante a atividade de ralar o milho verde para fazer mbaipy (polenta natural) (Figura 5). Durante a nossa conversa, a senhora Márcia ensinava uma criança o quanto é importante manter a nossa alimentação natural para evitar doenças, que vem afetando nosso corpo e alma. Refleti a importância dessa transmissão de conhecimento kaiowá, durante as atividades cotidianas que faz com que a partir desses ensinamentos as crianças possam conhecer os benefícios destes alimentos tradicionais para manter o corpo, o espírito e o modo de ser kaiowá.



Figura 5. Anciãs transmitindo seus conhecimentos às crianças. À esquerda ralando o milho verde para fazer mbaipy (polenta natural). À direita manipulando o kumanda (feijão). Foto de Inair Lopes, Pirakua, 2022.

De acordo com as anciãs, o preparo destes alimentos tradicionais kaiowá depende muito da região de cada aldeia, de modo que cada família tem um jeito de transformar e misturar com outros alimentos e cada um prepara de forma diferente o cardápio. Segundo as mestras, em Pirakua, o preparo é mais nativo ainda, de modo que se consome os alimentos cozido, assado, em forma de sopa (guisado) e como bebida fazem suco caracu e chicha.

Ainda de acordo com os relatos pude refletir que na época antiga, os parentes plantavam em coletivo, em família, por meio da roça comunitária. Assim, eram unidos e tinham plantações de alimentos em cada casa das famílias e uma roça grande e coletiva. Hoje em dia isso não acontece mais, devido ao contato com os karaí (não indígenas), de modo que após o confinamento, os Kaiowá passaram a cultivar pequenas lavouras nos moldes karaí. Segundo relatos das anciãs e das lideranças tradicionais, algumas sementes compradas foram dadas pelos fazendeiros para os indígenas que prestavam serviços braçais na fazenda. A partir do momento em que mudaram a configuração do sistema de cultivo tradicional, passaram a preparar os alimentos utilizando óleo, sal e açúcar.

A partir dos relatos sobre o cultivo tradicional kaiowá registrei que a construção das roças sempre permaneceu muito firme, de modo que grande parte das famílias mantiveram suas roças até os dias atuais, mesmo com as mazelas trazidas pela colonização. E atualmente essas roças tem um papel vital na alimentação kaiowá, sendo de onde se tira o sustento de grande parte das famílias.

Durante essa pesquisa, encontrei que segundo um levantamento realizado pela equipe da saúde, das 120 famílias de Pirakua, 70% apresenta a roça mantida e esse grupo é composto por moradores mais antigos que ainda mantêm a tradição de cultivar alimentos de forma saudável. Já o grupo que não possui roça (30%) é composto principalmente por pessoas mais jovens que são trabalhadores assalariados.

Esses dados são bastantes relevantes e preocupantes visto que entre os mais estudados não há uma preocupação e um cuidado com a alimentação e muitos veem a roça como algo sem importância, já que só se preocupam com o salário. Penso que essa mentalidade surgiu a partir do ensinamento e da visão dos não indígenas de que somente com estudos poderia ter uma vida melhor.

Refletindo profundamente sobre essa situação penso naquela clássica pergunta: o que é vida melhor? Depender do salário para comprar alimentos envenenados,

industrializados e empacotados que só prejudica a saúde do nosso corpo e espírito ou ter disponível o alimento saudável e adequado para o nosso povo ali no quintal de casa?

Refletindo sobre a importância dos alimentos encontrei que toda substância nutritiva é alimento, mas nem todo alimento é comida, visto que a composição do conceito da comida é amplo e profundo e passa por questões sobre o que se come, quando se come, com quem se come, por quem se come e por quem se come. Ou seja, a comida é determinada pela cultura e é isso que transforma o alimento em comida (SOUZA LIMA et al., 2015).

A partir dessa reflexão penso que os nossos jovens deveriam ter uma vida saudável, seguindo as orientações dos mais velhos. Deveriam buscar por mais saúde e mais disposição para fazer suas roças para assim poder comer comida saudável sem agrotóxico (veneno). Esse pedido não é só meu, mas é também dos nossos mestres tradicionais que sempre nos ensinam que devemos valorizar sempre aquilo que a Mãe Terra gentilmente nos oferece.

Alimentos da caça e pesca (em kaiowá)

Em relação ao primeiro pilar, as mestras e mestres do saber tradicional sobre os alimentos pontuaram que as principais carnes de caça eram de tatu, anta, cateto, queixada, quati, cutia, veado, tamanduá e macaco. A pesca de peixes no rio Apa também tinha grande importância para os Kaiowá de Pirakua. Segunda as/os mestras/es, os homens eram os mais experientes e caçavam com instrumentos como arco, flecha, lança e machado, além do contarem com o apoio de seus cães de caça, que eram treinados para encontrar determinados animais.

Ainda em relação às armadilhas para a caça, registrei e aprendi que alguns animais menores também eram capturados através das armadilhas como o mondeo e a arapuca. Essas armadilhas eram construídas cuidadosamente nos caminhos percorridos pelos animais, geralmente próximo ao rio.

A pesca e a caça são práticas comuns até os dias de hoje, no entanto, também me foi revelado pelas/os mestres e mestras que antigamente existia um lugar próprio onde se alimentava os peixes para facilitar a pesca. Também me ensinaram que havia armadilhas que eram colocadas dentro da água para capturar os peixes. Dentre os animais que ainda são caçados na aldeia Pirakua se destaca o tatu (Figura 6).



Figura 6. Tatu senso assado. Foto de Alex Nelson Aquino Lemes, 2022.

Segundo os conhecimentos que me foram repassados, antigamente os Kaiowá capturavam os peixes para se alimentar cotidianamente e conforme o mestre Jose conceição afirma

Faziam isso diariamente, não tinham o costume de buscar alimentos em quantidades maiores porque tinham que respeitar os donos de cada espécie. O que achava naquele dia era suficiente para garantir o almoço ou a janta e já se planejava para o dia seguinte, para buscar mais alimentos (Mestre José Conceição)

Essa afirmação do mestre me fez refletir que naquela época, meus antepassados não tinham a preocupação de cumprir o horário do trabalho ou de pagar a conta atrasada, como acontece atualmente.

Nos dias de hoje, os Kaiowá de Pirakua ainda buscam o sustento no rio Apa, no entanto também é comum a pesca em lagos da região. A imagem abaixo foi obtida durante essa pesquisa, onde umas das famílias que contribuiu com esse trabalho estava me ensinando o modo tradicional de se assar os peixes. Essa família me contou que buscam peixes do rio Apa com frequência e que um alimento bastante apreciado por eles é o pira rupiá (as ovas de peixe, ou seja, o caviar do peixe) (Figura 7).

Segundo essa família, o caviar de peixe é enrolado em uma folha de banana ou de pariri e em uma folha maior lisa que não tem cheiro forte. Então se amarra com cipó forte e assa embaixo da cinza ou em cima da brasa. Contudo, hoje em dia algumas famílias já preparam esse prato de diferentes formas, misturando com temperos e assando no forno.





Figura 7. Peixes, ovos de peixe e caviar enrolado em folha de bananeira sendo assado. Foto de Inair Lopes, Pirakua, 2022.

Os anciãos e anciãs, mestras e mestres tradicionais kaiowá, pontuaram que é de extrema relevância compreender o conhecimento tradicional kaiowá que nos ensina que existem os jaras (deuses, donos) de todos os seres que habita esta terra. Esses jaras são responsáveis por liberaram os animais de caça e os peixes para serem pescados.

Os jara são os seres para quem devemos rezar e respeitar também são os jara que nos orienta sobre o modo correto de manipular as carnes, por meio da reza e do modo adequado de consumo da carne dos animais pescados e caçados, de modo que cada tipo de alimento oferecido pelos donos tem um jeito específico de manejo. Desta maneira, os homens e mulheres teriam a licença dos jara e assim encontrariam os animais com facilidade.

Alimentos coletados na floresta (em kaiowá)

As mestras/es tradicionais deixaram bastante claro que não é somente da carne da caça e de peixes que era constituída a alimentação kaiowá. Me foi explicado que nessa

dinâmica, os homens saíam para a caça e pesca, enquanto isso as mulheres já preparavam alimentos essenciais para acompanhar a carne de caça. Assim, elas usavam o palmito de coco e de jataí, o cará, o mbery, o bacucu e outras frutas que coletavam, como a guavira, o ingá, o jatobá, o jaracatiá, o jenipapo, o araticum, de modo que esses alimentos foram e são essenciais na subsistência alimentar do nosso povo. A coleta desses itens alimentícios na vasta mata disponível caracteriza o segundo pilar da alimentação tradicional kaiowá em Pirakua.

Outro alimento que é essencial para a alimentação tradicional kaiowá em Pirakua é o mel de abelha, principalmente o mel de jateí, entre outros tipos de abelhas nativas que eram encontradas facilmente nesta aldeia. O mel era mais utilizado e procurado por ser um adoçante natural e, cada mel, dependendo do tipo de abelha, apresentava características própria, incluindo as regras de uso.

Segundo as e os mestres tradicionais, o mundo das abelhas que ofertam mel funciona em um ciclo de vida insubstituível para os Kaiowá, de modo que esses seres tem seus donos e com o avanço da destruição dos habitats, esses donos recolheram esses seres que ofereciam alimentos para nós e que também se alimentavam das flores das plantas deixando os alimentos saborosos. Infelizmente hoje, com a destruição das matas, esses seres estão cada vez mais difíceis de serem encontrados.

Então naquela época esses recursos, eram na verdade riquezas, eram encontrados com facilidade, ajudando as famílias a viver de forma saudável e em harmonia com a natureza. A família tinha papel fundamental ao ensinar seus filhos e netos a cuidar da mãe terra, assim como de cuidar uns dos outros. Desse modo, a grande mãe terra sempre ofertou alimento rico e saudável para o povo que nela habita, além de fazer a natureza a florescer sempre.

A partir da pesquisa feita com as mestras Maria Eliza Vargas, Ramona Vargas, Tiula Quinhones, Ramona Gomes e Darcy Reginaldo Gomes, pude registrar a existência na nossa aldeia de alimentos nativos que são fundamentais para a nossa alimentação tradicional kaiowá, como por exemplo: palmito de coco, palmito de jataí, cará, mbery taioba), mbakuku (bacucu), guavira (guavira), guavira pytã (guavira do mato) ingá, pitanga, jatobá, jaracatiá, mandypa (jenipapo), aratiku (araticum), guaviju (fruta nativa do mato), marmelada, guaporaity (jabuticabinha), parar (uva do mato), karaguatá (caraguatá), guaviry (fruta de ema) e araçá, goiaba e pitomba.

Segundo os relatos, esses alimentos ainda são encontrados na mata hoje em dia, desse modo, fica evidente que a nossa aldeia ainda oferece algumas dessas frutas e raízes

que fazem parte da alimentação tradicional kaiowá em Pirakua. As lideranças espirituais (rezadores) apontaram ainda que algumas raízes e folhas dessas frutas nativas também servem como remédio para determinadas doenças, principalmente para crianças e idosos.

Sob esse ponto de vista, é importante pontuar que a alimentação tradicional, juntamente com os remédios tradicionais, são grandes aliados para a manutenção do corpo e do espírito saudável. Então quando refletimos sobre a saúde kaiowá temos que considerar que os nossos alimentos tradicionais e os nossos remédios tradicionais são de fundamental importância na nossa vida e no nosso modo de existir, assim como reflete o mestre tradicional Jorge Gomes.

Não tem como separar. Tudo tem uma conexão e se a mesma planta serve como alimento, a mesma planta serve também para curar doenças e assim cotidianamente são utilizados esses alimentos e plantas

As anciãs e os anciões relembram que o tubérculo conhecido como mbakuku (bacucu) era encontrado com facilidade no mato, ao redor de suas roças. Esse tubérculo possui formato de batata, e as mestras e os mestres relembram que na época de preparar as terras para o cultivo, iam no mato buscar o mbakuku para se alimentarem.

Com muito entusiasmo relembram que esse alimento matava a fome dos trabalhadores na roça. Segundo o ancião Augusto Gomes “era só arrancar da terra, lavar bem, cortar e comer sem cozinhar ou assar”. O ancião ainda acrescenta que o mbakuku “era tão doce e gostoso que matava a fome até o horário do almoço”.

O ancião ainda reflete que “no decorrer dos anos o mbakuku foi ficando em falta, mas mesmo assim não se preocuparam em guardar sementes para plantar, devido ao fato de ser uma planta nativa, acharam que nunca iria faltar, pois hoje faz falta (Ancião Augusto Gomes).

Durante esta pesquisa, pude registrar algumas imagens bastantes significativas sobre a relação das/os anciãos com os alimentos tradicionais kaiowá de Pirakua. A imagem abaixo mostra um ancião segurando na mão a semente de mbakuku para plantar e ele se emociona ao pegar a semente na mão. Nesse momento ele relembra a época em que fazia sua roça para sustentar sua família (Figura 8).



Figura 8. Mbakuku (bacucu). Foto de Inair Lopes, Pirakua, 2022.

No decorrer desta pesquisa tive a oportunidade de monitorar junto ao ancião a semente de mbakuku que foi plantada em sua roça e que em quinze dias já estava germinando. Segundo o ancião, o objetivo desse cuidado serviu

“Para que futuramente possamos espalhar as sementes na floresta, esse é o nosso objetivo de semear. Pois a nossa floresta ainda está de pé e por isso

devemos semear sempre para fortalecer nossas plantas alimentícias e plantas medicinais (Ancião Augusto Gomes).

O ancião ainda faz uma importante reflexão sobre a dificuldade de encontrar esse alimento na região, pontuando que

Geralmente o mbakuku é atualmente somente encontrado no território do Paraguai. Por isso é muito importante que essa planta cruze fronteira do Brasil para que seja replantada em todo território kaiowá. Desta maneira nossas crianças terão o conhecimento sobre esses alimentos nativos e tradicionais do nosso povo (Ancião Augusto Gomes)

Outro alimento coletado com facilidade na nossa aldeia é mbery (taioba), (*Xanthosoma sagittifolium*). Ela é frequentemente confundida com espécies chamadas de “taro”, que não são alimentícias, por isso é necessário saber diferenciar muito bem uma da outra. A mbery também é bastante encontrada cultivada nos quintais das casas de Pirakua.

A imagem abaixo (Figura 9) foi registrada durante essa pesquisa, no quintal da senhora Oracilda Ramires, que compartilhou que a

Mbery é uma planta conhecida pela folha grande (hogue guasu). Desta planta se é aproveitada a folha como salada refogada ou pode ser cozinhada para comer no guisado ou na carne com mandioca. Essa planta é bem resistente ao sol quente, porém deve sempre cuidar e regar para que possa dar bons alimentos.



Figura 9. Mbery (taioba). Foto de Inair Lopes, Pirakua, 2022.

O fato da nossa aldeia ainda ter bastante mata conservada faz com que as frutas nativas das árvores da floresta também sejam de grande importância na alimentação tradicional kaiowá, segundo as e os mestres e mestras participantes dessa pesquisa. Durante a pesquisa tive a oportunidade de registrar as imagens dessas frutas e compreender a importância desses alimentos nativos na nossa alimentação.

A guavira é um fruto muito saboroso e muito apreciado pelos Kaiowá, de modo geral. Aqui em Pirakua, essa fruta é muito conhecida e está presente na memória afetiva de toda a aldeia. Esse fruto é consumido de modo *in natura* e antigamente era mais comum encontrar na região da aldeia, no entanto, muitas dessas árvores foram destruídas para o estabelecimento das grandes lavouras do agronegócio, de modo que hoje é bastante difícil encontrar um pé nativo. Porém, algumas famílias de Pirakuá conseguiram replantar no quintal de casa para colher em época de dar frutos.

A imagem abaixo foi registrada na casa do senhor Vicente Morel, morador da aldeia Pirakua. Ele juntamente com seu pai, que faleceu no ano de 2021, sempre replantaram guavira no quintal de casa. Lá tem diferentes espécies de guavira, sendo um que é guavira do campo, que é baixinho (guavira karape) e o outro que é a guavira do mato, que é alto e no formato de árvore (guavira pytã).

Essa guavira da imagem abaixo (Figura 10) é a do campo, aquela guavira baixinho e assim a família cuida para que cada ano possam coletar esse fruto e também convidam as crianças que chegam na sua casa para saborear. A guavira é uma planta que todo ano frutifica entre a metade dos meses de outubro e novembro e a comunidade sempre ia em busca, sendo uma tradição, um costume que cada ano as famílias, as crianças se agrupavam e se deslocavam em busca para juntar e buscar as frutinhas. Nesta busca, os homens aproveitavam para fazer a caça.

Antigamente, os pés de guavira existiam em abundância e em locais mais perto da comunidade, onde as crianças conseguiam andar sem exigir demais do corpo e sem prejudicar o físico. Atualmente é mais difícil se encontrar e quando encontra já está na parte dos fazendeiros, que fica mais distante da aldeia, dificultando a ida dos parentes indígenas para catar guavira. No entanto, a resistência dessa tradição segue firme e é comum encontrar parentes indo buscar guavira de moto, de carro e até a cavalo.



Figura 10. Guavira. Foto de Inair Lopes, Pirakua, 2022.

O araticum (araticum) também é um fruto muito conhecido e usado na alimentação tradicional kaiowá. No conhecimento dos Kaiowá da aldeia Pirakua existem quatro tipos de araticum, que são nativos desta região: araticum karape (araticum do campo), araticum ka'aguy rehegua (araticum do mato), araticum yvate (araticum arvore) e aratikum atã (araticum pedra). Este último, segundo os relatos, não é uma fruta para

consumir, sendo considerado um remédio feito da raiz da árvore para curar na inflamação do dente.

Os outros três tipos de araticum sempre foram e ainda são muito importantes como fonte de alimentação dos indígenas desta região. Desse modo, em época de dar frutos muitos dos indígenas vão à procura desta fruta, sendo comum encontrar no mato e na beira do rio, embora algumas famílias também cultivam no quintal da casa.

A imagem abaixo (Figura 11) foi registrada na casa de uma família kaiowá, onde eles cultivaram para colher os frutos. A outra imagem de araticum demonstra como é



comum encontrar essa fruta na beira da estrada. Ao se deslocar da aldeia para a cidade encontramos vários pés e frutos. Esses registros aconteceram de formas aleatória. É muito comum encontrar essa fruta na maior parte da beira da estrada ou em quintal de casa e também nos campos ao lado da aldeia.



Figura 11. Aratikum (araticum). Foto de Inair Lopes, Pirakua, 2022.

Ainda a respeito dos frutos nativos de importância para as famílias de Pirakua, encontrei entre os relatos, o fruto jaracatiá, que é muito comum de ser encontrado na mata ao redor da aldeia. Esse fruto é muito saboroso e se parece com o mamão. As mestras e os mestres pontuaram que no conhecimento kaiowá esse fruto é bastante apreciado, sendo coletado na mata e assado embaixo da cinza para se eliminar um líquido, parecido com leite, que pode queimar a boca. Infelizmente, durante a pesquisa não foi possível encontrar nenhum fruto de jaracatiá, mas registrei a imagem de uma árvore de

jaracatiazeiro na casa da anciã Oracilda Ramires na aldeia Pirakua. (Figura 12).

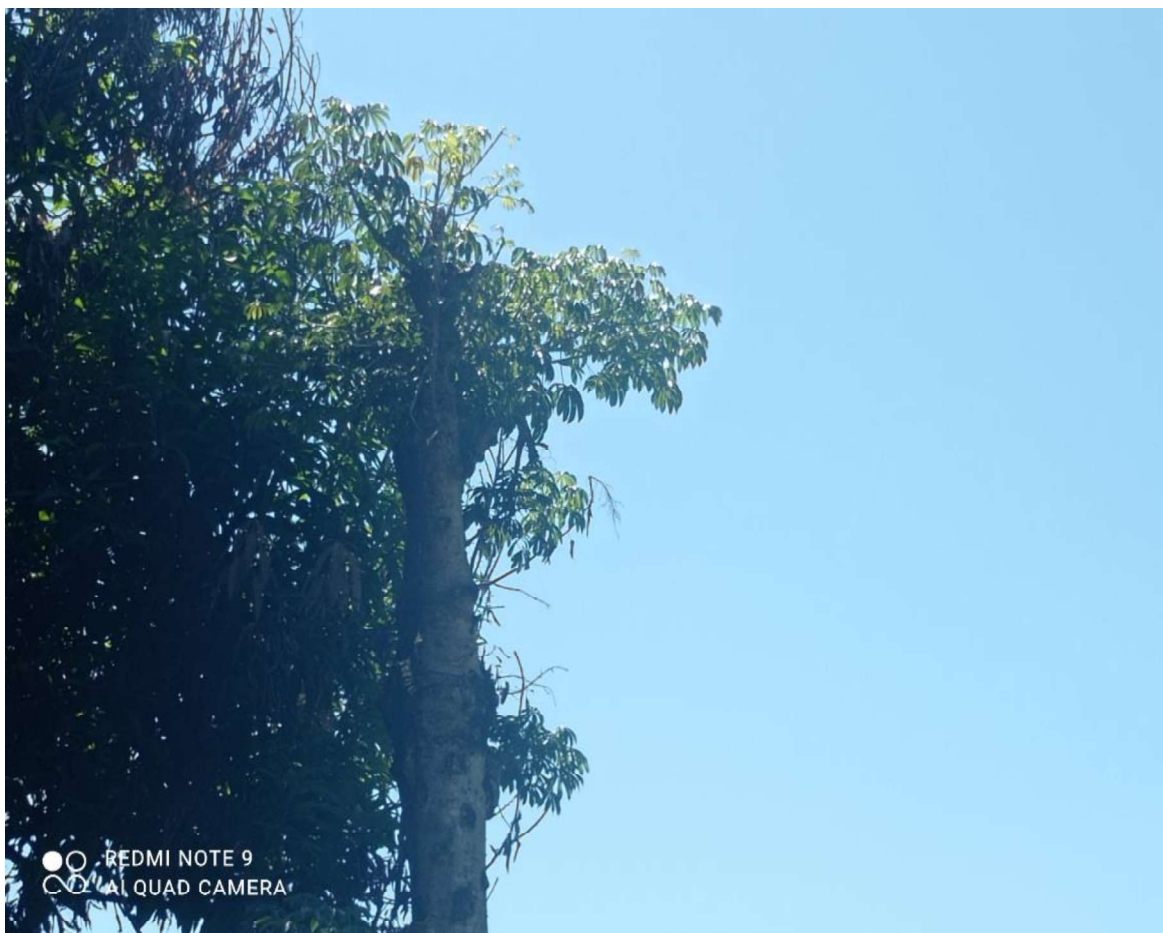


Figura 12. Árvore de jaracatiazeiro. Foto de Inair Lopes, Pirakua, 2022.

O jenipapo é o fruto (*Genipa americana*) (Figura 13), uma árvore muito alta que também apareceu entre os relatos como sendo um alimento nativo de grande relevância para o nosso povo. Os frutos podem ser consumidos a partir do momento em que a fruta amadurece e já cai ao chão nesse meio, as crianças já podem coletar e saborear, além dos pássaros que vem também disputar com os humanos. Além disso, o suco do jenipapo verde é usado como pintura corporal, para fazer grafismo no corpo representando a etnia e a cultura, que dependendo do preparo dura entorno de um mês e meio.



Figura 13. Mandypa (jenipapo). Foto de Inair Lopes, Pirakua, 2022.

Outra fruta nativa, que apareceu em muitas memórias dos e das mestras e mestres tradicionais de Pirakua é a parar (uva do mato). Essa fruta, de grande importância para o meu povo é comum de encontrar no mato. As crianças gostam bastante quando encontram essa frutinha e os pais fazem proveito para preparar remédio no combate de doenças como

resfriado e tosse. As folhas e frutos da parar são utilizados como condimento na alimentação tradicional (Figura 14).

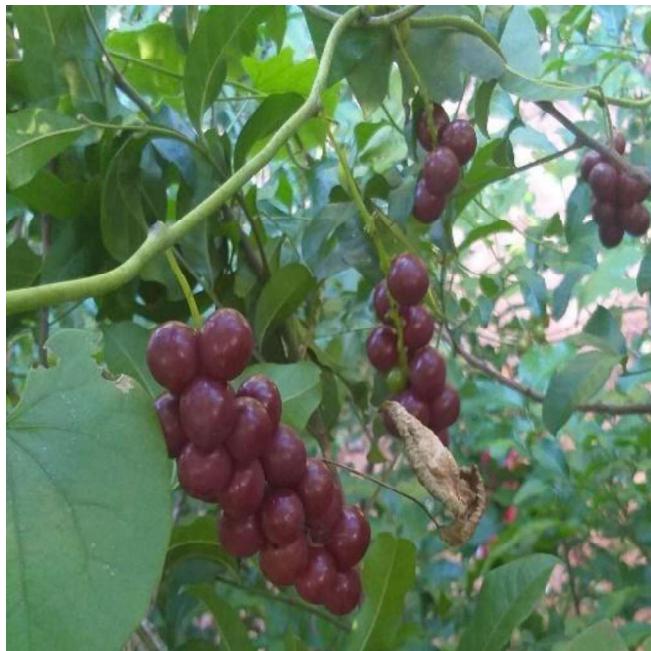


Figura 14. Parar (uva do mato). Foto de Inair Lopes, Pirakua, 2022.

Assim como as frutas nativas apresentadas anteriormente, a pitomba também foi relatada como sendo uma fruta muito típica na alimentação tradicional kaiowá em Pirakua, de modo que os relatos apontaram para esse fruto como tendo grande relevância nutricional e afetiva entre as crianças (Figura 15).



Figura 15. Pitomba frutinha apreciada pelas crianças. Foto de Inair Lopes, Pirakua, 2022.

Em relação às frutas nativas que fazem parte da alimentação kaiowá de Pirakua, pude notar que muitas outras frutas ainda são encontradas na aldeia, porém, algumas dessas frutas já são consideradas desconhecidas pela geração mais nova. Muitos não procuram saber ou conhecer, mas preferem valorizar as frutas comuns de supermercado.

A importância da alimentação kaiowá para a manutenção do nosso modo de existir

Antes de tudo é preciso considerar que, antes da invasão dos colonizadores, nosso povo vivia com tranquilidade, contemplando a natureza e se preocupando somente em alimentar muito bem nossas famílias para que pudéssemos viver com paz e harmonia.

Desse modo, pensar a nossa alimentação era uma prática constante e os homens e as mulheres tinham muita disposição para trabalhar na caça, pesca e no cultivo das nossas roças tradicionais respeitando a nossa tradição, as nossas rezas, nossos cantos e o nosso modo de viver.

Antigamente não se utilizava sal, açúcar e óleo, de modo que a gordura era utilizada somente a da própria carne. Dessa forma, os Kaiowá consumiam os alimentos tradicionais e não adoeciam, não tinham problemas como hipertensão, diabetes, obesidade, desnutrição e entre outras doenças causadas pela má alimentação. Nossos antepassados eram saudáveis e tinham total disposição para viver, conforme afirma a rezadora tradicional Martina Vargas da aldeia Pirakua afirma que:

koteve nha momba'e pe nhande mbae tee, pe nhande rembiu tee ko ipora nhande resãï hagua, umi mita kuera hesãimba hagua, ani hagua hasy rei, upeicharõ pe nhande reko imbarete hagua jey (Martina Vargas).

É muito importante manter esses alimentos, que é nosso desde o início, (nhepyrumby reko). Eles são essenciais para manter nossa saúde em forma e também para que nossos jovens e crianças tenham o espírito de guerreiro para que nunca se canse de lutar e de preservar sua identidade.

De acordo com a rezadora, a importância desses alimentos é para manter nosso corpo e espírito em forma, saudáveis e fortes para podermos permanecer de forma positiva na luta constante pela sobrevivência de nossas vidas.

Nesse mesmo sentido, a mestra e anciã Bernada relembra com saudades o tempo antigo, no qual a alimentação tradicional era um fator que garantia a alegria comunitária da aldeia. A anciã relata que nos dias de hoje os tempos são outros e as crianças já não possuem interesse na alimentação tradicional kaiowá e isso a entristece

che ajapo jave che rembiu rã fubá gui há avati gui kanguijy, ndamoiri juky ha ñandy, vicho ro'o gui nte voi ambojy ha hauma, che remiariro kuery katu ndou kuaai, ndahei hei, upemaramo hae chupekuera koaava la nhande rembiu tee, juky ha ñandy ko nhande juka mbeguekatu, ñande mbohasy ha ndajarekoveima pe kyrey jajapo hagua nhande rembiapo.

Quando eu preparo alimentos hoje em dia de fubá ou de milho faço sem sal e sem óleo e coloco com a carne do mato que ganhei de outro vizinho e meus netos e bisnetos não gostam do sabor. Eu fico triste porque isso é nossa comida tradicional e não o sal e óleo. Esses são veneno que acaba com nosso corpo aos poucos e tira o ânimo que deveria ter para seus afazeres diários (Bernada, 2022).

Refletindo junto à anciã, percebo a importância de seu relato e junto com ela também fico bastante preocupada, visto que muitos de nossos jovens adaptaram seus paladares e hábitos alimentares ao sistema de alimentação dos não indígenas, com tudo industrializado e empacotado, como os alimentos que são ultraprocessados. Reverter essa situação é algo bastante complicado e que exigirá muitos esforços de nós que defendemos e valorizamos nossa alimentação tradicional.

Nesse sentido, trago agora as reflexões finais de Bernada que fez questão de deixar um recado para as mães e os pais

Logo no início devemos valorizar nossa comida tradicional para que possamos diminuir o consumo de óleo, sal e açúcar. Nós temos ainda nosso açúcar natural, que é o mel das abelhas e outros tipos de jateí e também o óleo nosso que é a própria gordura do peixe e da carne do mato (Bernada, 2022).

Durante a pesquisa refleti que, nos dias atuais, os hábitos alimentares dos Kaiowá são totalmente diferenciados do que era antigamente e dependente dos alimentos

industrializados. Esses alimentos têm conservantes, aromatizantes, corantes e outros tipos de produtos químicos que ao consumirmos causam vários tipos de doenças. Esse tipo de má alimentação causa a indisposição na vida dos indígenas, mudando nossos hábitos, fazendo acordar tarde da manhã, dormir tarde da noite, fazendo com que não tenhamos ânimo para fazer o trabalho diário do dia a dia.

Desse modo, pude refletir que antigamente os homens, as mulheres, jovens e crianças tinham uma educação alimentar de qualidade, sem agrotóxico, sem gorduras industrializadas e isso tornava as pessoas mais dispostas e conectadas com o nosso modo de viver.

Nessa época antiga cuidar com zelo da alimentação era uma prática constante, visto que as pessoas viviam em completa liberdade, sem dependência do mundo dos karai, como por exemplo de ter água encanada em casa e comida empacotada. Desse modo, antes as crianças tinham muita energia e disposição e faziam caminhada ao rio próximo à casa para o banho, ao ir passear na casa dos avôs, ao praticar o guachire (dança) e as rezas. Desta maneira os nossos passados viviam em uma vida mais saudável de corpo e espírito e hoje em dia o fortalecimento da nossa cultura está se enfraquecendo pelo modo de vida dos não indígenas.

Nos dias de hoje vivemos em tempos de correria diária impulsionada por esse sistema capitalista que a todo tempo quer nos fazer consumir algo, e com isso os hábitos alimentares foram se modificando, de modo que ficamos dependentes destes alimentos industrializados e que fazem mal para o nosso corpo e para o nosso espírito. As crianças de hoje não têm mais tanta disposição para caminhar, para brincar e ficam doentes com maior frequência.

Outra reflexão que faço é que esses conhecimentos relacionados à alimentação tradicional kaiowá estão desaparecendo, porque não são mais praticados com tanta frequência como era antigamente. Desse modo, o sabor dos alimentos tradicionais foi sendo substituído por outros sabores e atualmente muitas pessoas estranham ou não gostam de alimentos preparados no nosso modo tradicional.

No entanto, ainda se encontra em Pirakua anciã e anciões que se alimentam somente pelo modelo tradicional, ou seja, consomem os alimentos cultivados em suas roças tradicionais manejados pela tecnologia kaiowá (rituais de preparo, plantio e colheita), peixes assados sem sal, carne da mata cozido e sem óleo e frutas, raízes, mel e vegetais coletados na floresta.

Para finalizar esse capítulo, apresento esse registro da anciã Martina Vargas feito durante a pesquisa. Nessa foto a anciã está se alimentando de batata doce assada. Ela conta que no seu quintal sempre tem batata doce e quando chega visita ela convida as pessoas para se alimentarem e fica muito feliz quando comem juntos. Nesses momentos, ela também conta histórias e nesse dia ela me contou que na época antiga, ao redor da fogueira e ao tomar mate ela e outras mulheres assavam batata embaixo da cinza para comer após esfriar. Martina também relata a preocupação de as crianças de hoje em dia não querem comer mais a comida tradicional kaiowá, devido ao fato de que esse costume não é muito incentivado. A anciã afirma que é muito importante conservarmos nossos costumes alimentares, voltando a praticá-los para que as crianças possam sentir o sabor natural dos alimentos tradicionais ainda disponíveis na nossa comunidade.



Figura 16. A anciã Martina Vargas oferecendo batata doce de seu quintal. Foto de Inair Lopes, 2022. Aldeia Pirakua.

Considerações finais

Durante as minhas observações e diálogos, pude perceber que as anciãs e os anciãos têm muito conhecimento relacionado aos alimentos tradicionais, e que alguns alimentos ainda se encontram na nossa comunidade, porém os mais jovens já desconhecem esses saberes, foram se enfraquecendo com o decorrer do tempo com novos

hábitos alimentares. No entanto, pude notar que até nos dias de hoje existe ainda alguns anciãos/ãs que mantêm a tradição comendo restritamente os alimentos tradicionais e sem a utilização de sal, açúcar e/ou óleo.

Registrei que as principais fontes da alimentação tradicional kaiowá era, no tempo mais antigo, avati (milho), avati morotĩ (milho branco), avati pará (milho colorido), avati sayju (milho amarelo), avati pororo (milho pipoca), andai (abóbora), kumanda (feijão), mandi'o (mandioca), jety (batata doce), pakova (banana), mamony (mamão), cará, raízes, algumas folhas como mbery (taioba) e frutos nativos (yva), como coco (mbocaja), jataí, jaracatiá, palmito de guariroba de bacaiuva, castanha, castanhas e mel. Além disso, a caça e a pesca eram atividades essenciais que garantiam a proteína animal na alimentação tradicional kaiowá, visto que a densa mata que envolvia a aldeia fornecia toda a alimentação saudável necessária para o nosso povo.

Hoje em dia, a nossa alimentação foi bastante modificada, de modo que fomos sendo estimulados a consumir alimentos industrializados e isso causou um grande impacto na saúde e no bem-estar de nossa comunidade. Entre os alimentos industrializados que são mais consumidos pela geração nova são os que tem açúcares, como doces, balas, chocolates, sorvetes, refrigerantes, bolachas recheadas e chicletes. Já entre as gorduras, os que mais tem sido utilizado são as frituras, óleos vegetais, margarina, manteiga, fast food, maionese, requeijão etc. Esses alimentos não são saudáveis para o organismo e não está de acordo com a nossa concepção de alimentação tradicional kaiowá.

Infelizmente, pude notar que em Pirakua, a alimentação nossa, tradicional kaiowá, encontra-se enfraquecida devido à grande degradação ocasionada pelo modelo colonialista que sempre faz com que as coisas ruins do mundo não indígena impactem a nossa existência. As gerações novas se encontram em situação fragilizada pelo assédio da cidade e das tecnologias dos karaí e a partir disso destroem a própria sobrevivência, não dando valor naquilo que poderia prover uma vida saudável. Mesmo assim, o nosso povo continua resistindo e ainda existem pessoas que se preocupam em manter a nossa tradição kaiowá viva para que mais pessoas venham refletir e lutar por aquilo que podemos novamente fortalecer para que possamos viver em paz e em união.

É muito importante mantermos a nossa alimentação tradicional kaiowá, através do consumo desses alimentos tradicionais como peixe assado sem sal, caldo de peixe sem sal, carnes de animais do mato sem sal e óleo. Esses alimentos ainda são consumidos

desse modo tradicional por alguns anciãos e anciãs da aldeia que fazem questão de manter a alimentação tradicional para assim viver em harmonia com o modo de ser kaiowá.

Por fim, reflito que somente com o fortalecimento do nosso alimento tradicional kaiowá é que poderemos ter um corpo forte, uma mente saudável e um espírito equilibrado para que possamos continuar lutando pelo nosso território e fortalecendo a luta indígena como um todo. Assim, o alimento e alimentação correta e adequada servirá para nutrir a luta pela retomada e demarcação de todos nossos territórios ancestrais.

Referências

BENITES, Eliel. A Busca do Teko Araguayje (jeito sagrado de ser) nas retomadas territoriais Guarani e Kaiowá. 2021. 267 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2021.

DIEGUES, Antônio Carlos. Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil. 2000.

KATZ, Esther. Alimentação indígena na América Latina: comida invisível, comida de pobres ou patrimônio culinário? Espaço Ameríndio, v. 3, n. 1, p. 25, 2009.

LESCANO, Marcilene Martins. 2021. Roças Kaiowá: cuidados práticos, rituais e técnicas de cultivo na reserva Taquaperi. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade) –Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2021.

MARTINS, Elemir Soares; MONFORT, Gislaine Carolina; GISLOTI, Laura Jane. Conhecimentos indígenas, autonomias e lutas anticoloniais Kaiowá e Guarani contra a necropolítica e o agronegócio. Revista Terra Sem Amos, v. 1, p. 5-12, 2020.

NETO, José Antônio Braga; MORAES, Thays Silva; SKOWRONSKI, Leandro. Reflexões nutricionais sobre a alimentação dos índios Kaiowa e Guarani de Caarapó-MS: algumas preparações características. Tellus, p. 107-120, 2003.

NOELLI, Francisco Silva. Sem Tekohá não há teko: Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS. Dissertação (Mestrado) PUC/RS, Porto Alegre, 1993.

PAVÃO, Sônia. Conhecimentos Tradicionais Guarani e Kaiowá como fontes de autonomia, sustentabilidade e resistência. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade) –Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2021.

PEDRO, Marildo da Silva. Floresta, animais e insetos: conhecimentos tradicionais do povo Kaiowá no tekoha Panambizinho. 2021. Dissertação (Mestrado em Entomologia e Conservação da Biodiversidade) –Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2021.

PEREIRA, Bárbara Elisa; DIEGUES, Antonio Carlos. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. *Desenvolvimento e Meio ambiente*, v. 22, 2010.

SOUZA LIMA, Romilda; NETO, José Ambrósio Ferreira; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Alimentação, comida e cultura: o exercício da comensalidade. *DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde*, v. 10, n. 3, p. 507-522, 2015

Capítulo 3. A caça e os caçadores kaiowá da Aldeia Pirakua: uma reflexão na perspectiva da Etnobiologia

The hunting and the kaiowá hunters of the Pirakua
Village: a reflection from the perspective of
Ethnobiology

Inair Gomes Lopes¹; Laura Jane Gisloti²

Artigo publicado no dossiê temático da revista *Ethnoscientia*, da Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia.

ETHNOSCIENTIA – ano 07, número 02 - 2022 - [ISSN: 2448-1998]
<http://dx.doi.org/10.18542/ethnoscientia.v7i2/12749>

ARTIGO

Resumo

O presente artigo apresenta os saberes tradicionais e as práticas culturais associadas à atividade da caça desenvolvida pelo povo Kaiowá da aldeia Pirakua, município de Bela Vista, Mato Grosso do Sul. O texto se desenvolve a partir de uma perspectiva etnográfica e a metodologia de pesquisa se pautou na participação observante, aliada à técnica de entrevistas abertas, onde foram registrados aspectos relativos às práticas de caça, as cosmologias, os rituais e o processo de formação dos caçadores, a partir dos princípios da cultura Kaiowá. A caça representa papel vital na soberania e segurança alimentar das famílias indígenas, sendo o kurei (cateto) (*Dicotyles tajacu*) o animal mais comum de caça e a carne de mborevi (anta) (*Tapirus terrestris*) a favorita, tanto para a alimentação no dia-a-dia como para as festas e rituais. É importante considerar que a caça representa um universo que envolve questões de ordem material e simbólica, de forma que processos de recepção e compartilhamento de conhecimento ocorrem entre as gerações, sendo de fundamental importância na cultura e na vida do povo Kaiowá.

¹ Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade; Faculdade Intercultural Indígena; Universidade Federal da Grande Dourados; Rodovia Dourados/Itahum, km 12, Cidade Universitária, Dourados, MS – Brasil.

² Faculdade Intercultural Indígena; Universidade Federal da Grande Dourados; Rodovia Dourados/Itahum, km 12, Cidade Universitária, Dourados, MS – Brasil.

Palavras-chave: Alimentação tradicional; Cosmovisão; Indígena; Soberania alimentar.

Abstract

This paper presents the traditional knowledge and cultural practices associated with the hunting activity developed by the Kaiowá people from the Pirakua village, municipality of Bela Vista, Mato Grosso do Sul. The study is developed from an ethnographic perspective and the research methods based on observant participation, combined with the technique of open interviews where aspects related to hunting practices, cosmologies, rituals and the process of training hunters, based on the principles of Kaiowá culture. Hunting plays a vital role in the sovereignty and food security of indigenous families, with the kurei (catheto) (*Dicotyles tajacu*) being the most common hunting animal and mborevi (tair) (*Tapirus terrestris*) the favorite, both for food in everyday life as well as for festivals and rituals. It is important to consider that hunting represents a universe that involves material and symbolic issues, so that processes of reception and transmission of knowledge occur between generations, being of fundamental importance in the culture and life of the Kaiowá people.

Keywords: Traditional food; Cosmovision; Indigenous; Food sovereignty.

1. Introdução

Os Guarani são falantes da língua guarani, pertencente ao tronco linguístico tupi-guarani, com variações étnico-culturais. No Brasil encontram-se fortalecidos três povos: Guarani Ñandeva, Guarani Mbya e Guarani Kaiowá, sendo esta pesquisa referente a estes últimos. No estado de Mato Grosso do Sul, a população Kaiowá e Guarani é de aproximadamente 50 mil indivíduos e está distribuída em oito reservas, além de quatorze terras indígenas, totalizando 22 áreas indígenas. Além dessas áreas, atualmente, inúmeros territórios passam por processo de retomada de seus territórios ancestrais (PEREIRA, 2016).

O objetivo desta pesquisa foi descrever o conhecimento tradicional, os aspectos cosmológicos, os rituais e a constituição do caçador Kaiowá, ressaltando o papel da caça na vida e alimentação das famílias da aldeia Pirakuá. A caça, enquanto atividade humana produtiva para os povos indígenas, configura-se como uma das práticas mais importantes, pois demarca a identidade, ao mesmo tempo que promove a garantia da segurança e soberania alimentar das comunidades (BECHELANY, 2017).

Nesse sentido, apresentamos a identidade do caçador Kaiowá, sublinhando as particularidades culturais para tornar-se um caçador. Como a caça constitui um elemento importante da cultura alimentar dos Kaiowá, e como a situação de insegurança

socioterritorial tencionou e, muitas vezes impossibilitou essa atividade, fez-se importante nesta pesquisa descrever os tipos de animais consumidos e quais são os fatores, cosmológicos, culturais e ambientais, que determinam e interferem nessa atividade tão vital para o fortalecimento do modelo de organização social e do modo de vida desse povo.

É fato que a utilização da fauna silvestre para subsistência tem importância fundamental na manutenção de comunidades indígenas de diferentes áreas tropicais, principalmente as que vivem em locais isolados. A carne de animais silvestres apresenta um alto teor proteico se comparado a outros alimentos também ingeridos por essas comunidades tradicionais (PERES 2000; MILMER-GULLAND e BENNETT 2003).

Pesquisas sobre caça estão presentes nas mais clássicas etnografias e auxiliaram na interpretação de diversas teorias antropológicas e sociais, como por exemplo o perspectivismo que diz respeito ao peso cosmológico conferido à predação cinegética, à subjetivação espiritual dos animais e à teoria de que o universo é povoado de intencionalidades extra-humanas dotadas de perspectivas próprias (VIVEIROS de CASTRO, 1996).

Outros estudos sobre as atividades cinegéticas trouxeram discussões relevantes para a interpretação de mundo dos Makú, um povo caçador habitante da fronteira entre Colômbia e Brasil, de forma que para esse povo, a caça se mostra como sendo uma atividade de vital importância, onde os homens dedicam todo o seu tempo e sua energia na caçada e só se preocupam com a pesca ao voltarem de uma caçada ruim (SILVERWOOD-COPE, 1990).

Trabalhos que se dispõem a se debruçar sobre o universo cosmológico da caça entre povos tradicionais tem se tornado um campo importante de pesquisas na área etnobiológica. Um estudo junto a ribeirinhos da Reserva Extrativista Riozinho do Anfrísio, no Estado do Pará, demonstrou que a caça está repleta de elementos simbólicos, saberes, e se organiza a partir de regras e condicionantes, cuja clássica dissociação cultura e natureza não se faz presente (BARROS, 2017). Outro estudo de relevância discutiu sobre os usos e os padrões de caça em comunidades rurais da Península de Yucatan, no México, demonstrando aspectos espirituais e cosmológicos (SANTOS-FITA et al., 2012).

Ainda sobre a etnografia da caça, outro trabalho interessante nesse âmbito foi desenvolvido junto ao povo Panará, abordando diversos aspectos do universo da caça, como as relações entre a caça, as relações de gênero e a produção do parentesco; a

constituição do corpo e as formas masculinas; a relação com seres não humanos; as formas do movimento que a caça provoca; e a gênese do caçador na relação com a arma e os animais caçados (BECHELANY, 2017).

Desta forma, a possibilidade de aprender com os conhecimentos indígenas é de fundamental importância para a construção de uma nova consciência humana, baseada no respeito e no apoio mútuo entre as diversas culturas. Sincronicamente, uma parte importante da humanidade, que desconfia do desenvolvimento tecnológico, busca nas formas e nos saberes tradicionais de vivência dos povos indígenas, conhecimentos e saberes construídos a partir de outras interpretações do mundo (MUÑOZ et al., 2003).

De fato, parte significativa dos desafios que os povos indígenas do Brasil enfrentam hoje tem sua origem na imposição do modelo ocidental e colonial de desenvolvimento, que é altamente excludente, concentrador e exterminador da natureza. Assim, a perda dos territórios e a destruição das riquezas naturais, mediante a imposição do agronegócio, comprometeu as bases da economia Kaiowá destruindo progressivamente os sistemas de auto sustentação e instaurando, dessa forma, um processo ininterrupto de empobrecimento nessas comunidades (BENITES et al., 2021).

Os conhecimentos ou saberes tradicionais produzidos e compartilhados por comunidades locais, indígenas ou não, incluem, certamente, as técnicas de manejo de riquezas naturais, conhecimentos sobre ecossistemas, sobre relações bióticas e abióticas (PEREIRA e SCHIAVETTI, 2010). Além disso, incluem, especialmente, o místico, o mágico, o ritual e o simbólico. Assim, fazem parte do saber indígena diferentes estratégias e atitudes como as de saber cuidar da natureza, a qual é tarefa não somente humana, mas que compete, também, aos “donos” dos animais e das plantas, que se ocupam de vigiar para que nada se altere na ordem natural da vida no planeta Terra (BRAND, 2001; MUÑOZ et al., 2003).

Esses conhecimentos ancestrais são construídos a partir da dinâmica da reciprocidade, portanto não tem como objetivo dominar e explorar as riquezas naturais na perspectiva visualizada pelo não indígena, mas sim, compreender cada vez melhor a relação e os processos de comunicação entre as diversas realidades. Dessa maneira, a principal característica dos conhecimentos tradicionais não se refere sobre seu conteúdo ou antiguidade, mas a forma como estes são pensados, construídos, produzidos e atualizados, sendo um processo coletivo e cumulativo presente no cotidiano desses povos (GALLOIS, 2005).

Nesse contexto, o tradicional tem relação mais próxima à forma específica de sua construção do que ao seu conteúdo. Assim, o que faz um grupo social ser caracterizado como tradicional é seu modo de vida baseado nas relações que estabelece com os outros, incluindo nesses outros os outros seres humanos, todo o restante da natureza e o sobrenatural (CUNHA, 1999, 2012). Por esse ponto de vista, compartilhar conhecimentos e saberes entre a ciência ocidental e o conhecimento de comunidades tradicionais indígenas e não indígenas sobre o meio ambiente é uma área das Ciências que vem chamando atenção dos interessados na construção do conhecimento diverso e não homogêneo, que deve incluir o universo representativo da humanidade.

Neste contexto, a Etnobiologia surge se definindo como um campo de pesquisa multi, trans e interdisciplinar, que investiga as diversas compreensões culturais que tangem a relação humano/natureza. Relacionando as diferentes maneiras em que o conhecimento sobre o mundo natural está organizado, a Etnobiologia oferece um tipo de relativismo pelo qual é possível reconhecer outros modelos de relação com a natureza, não necessariamente baseados no racionalismo e pragmatismo da ciência vigente branca, masculina e ocidental (PAVÃO et al., 2020).

Outro fato relevante é que a Etnobiologia também tem o potencial de atuar como mediadora entre as diversas culturas ao assumir um papel dedicado à compreensão, apoio e respeito mútuo entre os povos e seus territórios (POSEY, 1987).

A vertente da Etnobiologia abordada nessa pesquisa se qualifica como Etnozoologia, que segundo Posey (1987), se ocupa a estudar a inserção dos animais e das atividades e eles relacionados, em uma dada cultura. Esta ciência busca compreender o fenômeno da interação entre os seres humanos e os animais, incluindo as atividades cinegéticas (caça), perpassando aspectos tanto cognitivos quanto comportamentais, até os socioterritoriais (ALVES e SOUTO 2010).

Nesse cenário, a Etnozoologia passou a ser vista como sendo uma ferramenta bastante proveitosa no estudo das mudanças ambientais provocadas por fatores antropogênicos, como a diminuição e desaparecimento de espécies de animais, diminuição dos estoques de caça e introdução de espécies exóticas em determinados ambientes (PINTO et al., 2019). Além do mais, a Etnozoologia tem cooperado para que práticas de manejo e ações conservacionistas sejam baseadas na realidade social na qual a comunidade está inserida, visando manter a diversidade sociobiológica. Nessa perspectiva, esse estudo uniu esforços para se unir aos demais trabalhos da área de

Etnobiologia pautados em uma perspectiva da “Etnobiologia da ação”, “Etnobiologia socialmente situada” ou “Etnobiologia engajada” (TOMCHINSKY et al., 2019).

Assim, neste trabalho temos a seguinte finalidade: a reflexão acerca dos conhecimentos que a comunidade Kaiowá da aldeia Pirakua, da cidade de Bela Vista, Mato Grosso do Sul, expressa sobre os animais de caça e a atividade cinegética. É uma análise, sob o ponto de vista sustentável, da etnoconservação, com a intenção de realizar um diálogo com a comunidade, a fim de discutir sobre qual o interesse destes sobre sua cultura e os ensinamentos adquiridos através de seus pais e avós sobre os animais de caça, sua forma de caçar, suas armas e armadilhas, o manejo da caça e sobre a soberania alimentar nesta comunidade.

2. Materiais e Métodos

Inicialmente é importante refletir sobre a cruzamento metodológico que perpassa esta pesquisa, apoiada em diversas metodologias e que para além disso, combina o olhar de uma pesquisadora Kaiowá, que nasceu e vive na área de estudo, com o olhar de uma pesquisadora não indígena, que tem vivenciado um processo de caminhada e aprendizado junto à resistência anticolonial e autônoma deste povo.

Nessa perspectiva, as etapas desse estudo percorreram essa metodologia colaborativa, intercultural crítica e participativa, incluindo a possibilidade de guiar todo o processo de coleta de dados na língua guarani-kaiowá. Nesse ponto, é importante destacar a potencialidade desse aspecto na autodeterminação intelectual, o que leva a frisar que o que se apresenta nessa pesquisa é a ascendência de trabalhos cuja produção intelectual tenha foco no compromisso para com seus coletivos e que reconheça o peso das circunstâncias históricas em sua obra.

Assim, como metodologia de pesquisa foi adotada a abordagem qualitativa e etnográfica procurando entender as representações socioculturais dos Kaiowá a respeito da caça e dos animais de caça.

Durante o estudo foi permitido pela comunidade realizar diálogos, obter imagens de algumas pessoas e atividades, assim como o registro na língua materna. Assim, como abordagem metodológica foi utilizada a participação observante aliada à entrevista não-estruturada e à história oral temática, como método gerador de dados, na qual se pede para o participante falar sobre o assunto pretendido, ou seja, os animais de caça e a atividade de caça na aldeia Pirakua.

A entrevista é um procedimento específico que perpassa cada aspecto da construção das narrativas, dando sentido e significação às experiências pensadas, vividas e sentidas. A prática das entrevistas está intimamente relacionada a um processamento de encontros e diálogos em que o entrevistador e o entrevistado, durante a entrevista, se reconhecem enquanto parceiros e colaboradores em um trabalho coletivo (POSEY, 1987).

A participação observante como ferramenta metodológica tem como foco o mergulho na vida das pessoas, ao permitir que as outras pessoas também mergulhem em vidas alheias. Contudo, a proposta dessa metodologia vai além das trocas pessoais e coletivas, assumindo a responsabilidade nesse mergulho, de forma a reconhecer que o compartilhamento de conhecimentos implica no compromisso e na aliança mútua para a construção de estratégias de resistência dos povos, diante das políticas discriminatórias e espoliadoras dos estados-nação dominantes (ALBERT, 2014). Em relação à história oral temática, se considerou essa metodologia adequada para os objetivos dessa pesquisa já que é uma metodologia voltada à experiência existencial daquele que narra (MEIHY, 2006).

Os participantes dessa pesquisa foram quatro lideranças tradicionais da aldeia Pirakua e a forma de seleção dos participantes se baseou na técnica bola de neve, onde foi possível identificar especialistas a partir da amostragem por cadeia de referências, possibilitando a identificação e recrutamento de atores sociais reconhecidos por seus pares em decorrência de seu papel de liderança na comunidade estudada (ALBUQUERQUE et al., 2010).

O trabalho de campo foi realizado no período compreendido entre abril de 2020 a junho de 2021. As entrevistas livres foram construídas com o intuito de estimular a memória biocultural, através do diálogo entre os conhecimentos tradicionais e ancestrais em relação à atividade cinegética.

As entrevistas foram gravadas pelo celular e os dados foram anotados em caderno de campo. As cópias digitais, contendo as imagens, áudios e vídeos produzidos por esse estudo foram entregues às lideranças da aldeia e sua divulgação será ampla, tanto do aspecto científico quanto do aspecto comunitário, podendo ainda requererem acesso, a qualquer tempo, sobre materiais e informações produzidas nesta pesquisa. Isto posto em observância aos direitos destes povos, à legislação concernente ao tema e ao compromisso ético entre pesquisadores e povos que colaboram neste intercâmbio científico.

Esta metodologia que respeita os povos, esquivando-se de abordagens etnocêntricas, está de acordo com o preconizado por Marques (2002) e Albuquerque et al. (2010), que versa sobre métodos de coleta e análise de dados em Etnobiologia e Etnoecologia, a partir da perspectiva ética.

2.1. Local de Estudo: Aldeia Pirakua: o buraco do peixe

A Aldeia Pirakua localiza-se na porção oeste do Estado do Mato Grosso do Sul, no município de Bela Vista e abriga uma área de 2.384 mil ha, com uma população de 537 habitantes (SIASI/SESAI, 2014) (Figura 1). Essa aldeia é composta basicamente por quatro regiões: Ponte, Palmeiras, Morro e Piri, de modo que cada uma das regiões apresenta características particulares na ocupação e na territorialização. A prática da caça e da pesca ainda é bastante utilizada na aldeia, complementando assim, a alimentação das famílias (PRADO, 2013).

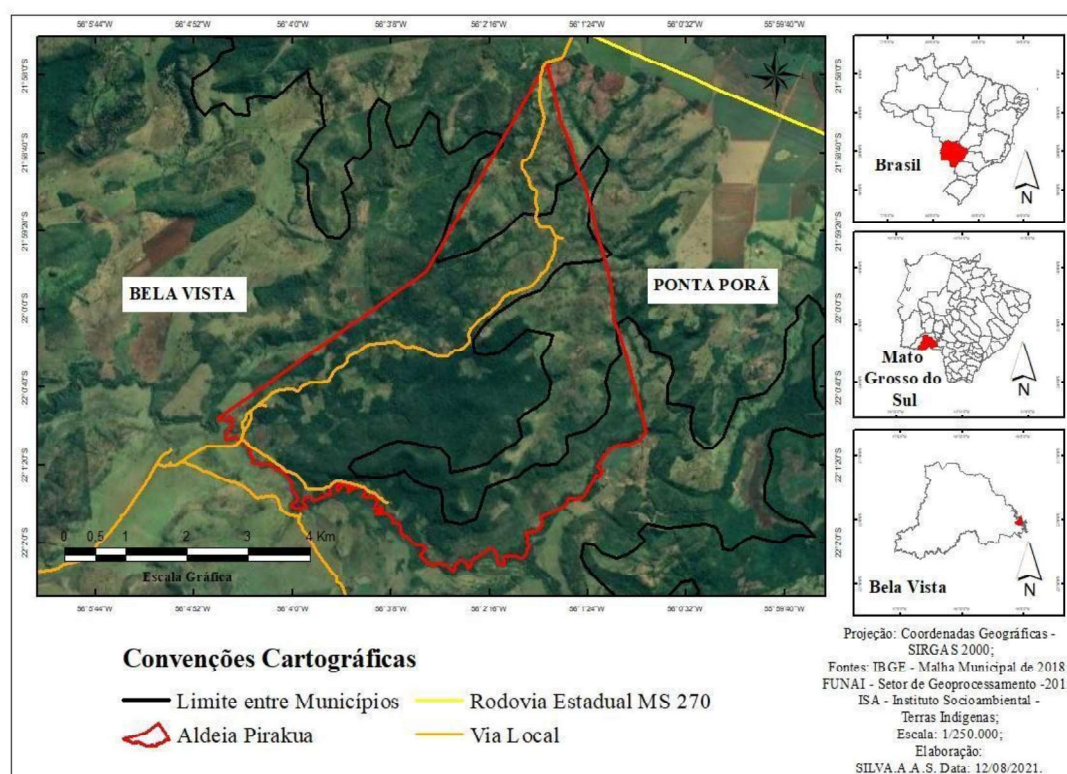


Figura 1: Localização da Aldeia Pirakua, no sudoeste do estado do Mato Grosso do Sul.

Esse território, situado no município de Bela Vista, às margens do rio Apa, representa o extremo norte do território tradicional Kaiowá. Pirakua, pode ser

interpretado como buraco do peixe e é um lugar sagrado e significativo, em uma região de montanhas e matas, povoado de natureza, biodiversidade e cosmologia (Figura 2).



Figura 2: (A) Entrada da Aldeia Pirakua, município Bela Vista, Mato Grosso do Sul, Brasil. (B) Moradia tradicional koiowá (vista posterior). (C) Remanescente florestal da aldeia Pirakua. (D) Vista da chegada à residência de uma família de Pirakua. (E) Moradia tradicional koiowá (vista anterior). (F) Morador da aldeia Pirakua em sua residência. Crédito: Zenildo Gomes.

A história do povo Kaiowá da Aldeia Pirakua é repleta de lutas, e esse tekoha (território originário) foi identificado em 1985, demarcado em 1986 e homologado em 1992, sendo a primeira terra onde a luta e resistência do povo Kaiowá obteve resultado.

Essa vitória se deve à auto-organização desse povo na luta pela retomada territorial desde 1925, época em que ocorria o processo de isolamento das famílias em pequenas áreas ou reservas pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Assim, esta comunidade conseguiu permanecer na parte de mata fechada, no fundo da fazenda que usurpou suas terras, até início da década de 1980, quando foram encontrados por Tupã-y Marçal de Sousa, grande liderança indígena, que na época trabalhava na FUNAI como enfermeiro, e morava na aldeia Campestre.

Tupã-y, junto a outras lideranças locais, passaram a se organizar e resistir bravamente contra a pressão feita pelos fazendeiros, que pressionavam a comunidade a abandonar as terras, para que assim eles pudessem ocupa-las. No entanto, a comunidade se mobilizou gradativamente e construiu um consenso para defender com toda força a

permanência no território, quanto então o território tradicional foi retomado (PEREIRA, 2003; NOAL, 2006).

Como fruto dessa luta, a Aldeia Pirakua manteve seu território e hoje é uma das poucas aldeias indígenas em Mato Grosso do Sul que ainda apresenta mata, rio limpo e terra fértil para o plantio. Essa natureza conservada ainda possibilita a caça e a pesca, e essas atividades são de extrema importância para a segurança e soberania alimentar das famílias de Pirakua.

3. Resultados e discussão

3.1. O passado e o presente na formação do caçador Kaiowá: armas, armadilhas e compartilhamento do conhecimento tradicional

A fim de compreender a relação entre o território e a sociobiodiversidade Kaiowá é importante refletir sobre o fato de que esse povo construiu, no decorrer de sua história, conceitos distintos de natureza e, por consequência, da relação entre natureza e seres humanos. Além da profunda interdependência entre o mundo natural, dos vegetais e dos animais, e o mundo dos seres humanos, os Kaiowá entendem a natureza como algo vivo com quem se interage e se estabelece uma constante comunicação, apoiada numa visão cosmológica integradora.

Portanto, sob a ótica dessas populações, não se trata de explorar a natureza dominando-a, mas de interpretar sua linguagem para assim compreendê-la, na certeza de que a sobrevivência da humanidade dependerá muito mais dessa capacidade de compreensão e respeito frente ao mundo natural, do que a vontade de domínio ou transformação (BRAND, 2000).

Nesse contexto, os animais são seres vivos de grande importância no entendimento de mundo pelos Kaiowá de Pirakua, sendo a caça uma atividade de profunda importância para a comunidade. Essa importância decorre da cosmovisão alçada e entrelaçada entre o mundo natural das plantas, animais, água, matas e o mundo espiritual e seus domínios, como exposto pelos entrevistados. Desta forma, na concepção desse povo há uma interação cosmológica/espiritual, harmônica e dependente entre a mata e os seres que lá habitam (BENITES, 2014).

Nesse sentido, devido ao virtuoso estado de conservação do sistema socioecológico local, a caça representa uma atividade de grande relevância na vida e na construção da pessoa Kaiowá, na aldeia Pirakua. Onde mesmo com mudanças significativas no ecossistema local devido ao desmatamento ocasionado pelo agronegócio que avança sob as fronteiras da aldeia e mesmo com as significativas mudanças nos hábitos alimentares dentro dessa sociedade indígena, a atividade cinegética é ainda praticada e isso faz com que não haja tanta dependência do consumo de carnes industrializadas.

A partir da imersão no universo da caça no mundo Kaiowá, registramos a narrativa das lideranças tradicionais, da aldeia Pirakua, acerca de suas reflexões e impressões sobre os animais e a cultura da caça. As narrativas são apresentadas pautadas em dois tempos históricos: o antigamente, quando o modo de existir de forma tradicional não estava em contato tão próximo ao modo de vida dos não indígenas; e o atualmente, onde o karai reko (modo de vida dos não indígenas) afetou profundamente o modo de se organizar e na cultura tradicional Kaiowá.

Antigamente, de acordo com as lideranças tradicionais, os caçadores da aldeia Pirakua, eram os homens que passaram pelo processo de treinamento praticado pelos seus pais na infância e adolescência (entre 10 a 16 anos). Nessa idade, os meninos já estavam aptos e eram incentivados a sair para a caçada para aprenderem tudo sobre o universo da caça. Era nesse período que os meninos aprendiam as regras e as rezas para cada tipo de animal e de cada lugar específico da mata.

O treinamento era iniciado com ensinamentos básicos sobre a caçada e as regras mais básicas, logo no momento em que os meninos ingressavam como aprendizes e iniciavam as tarefas para se tornar um caçador. De início, o ensinamento da técnica da construção do arco e flecha era a atividade que mais tinha relevância e essa etapa era sempre acompanhada pelos mais velhos, os quais ensinavam aos mais novos aspectos importantes sobre a caça e as armas de caça (Figura 3).



Figura 3: Os arcos, flechas e bordunas construídas durante o processo de formação do caçador Kaiowá da aldeia Pirakua. Crédito: Xiru Karai.

No decorrer do aprendizado, outras armadilhas de caça eram ensinadas para os jovens aprendizes. A planta mbeguepi (guaimbê, *Thaumatococcus bipinnatifidum* Schott ex Endl.) tem grande importância na confecção das armadilhas, como nhuha e mondeo. O mondeo é feito com um grande número de pequenas varas de madeira e funciona como uma arapuca (armadilha em forma de gaiola que cai sobre a caça quando desarmada). As pequenas varas são colocadas no caminho dos animais menores, como o tatu, com o objetivo de prendê-lo (Figura 4). Já o nhuha é a típica armadilha de laço, que prende o animal pelo pé e o levanta. Funciona se amarrando uma corda em um galho flexionado e prende-o, de modo que, quando o animal tentar retirar a isca posta no centro do laço, este é preso por uma de suas patas. Essa armadilha é usada para caçar animais maiores como a anta e o veado.



Figura 4: Armadilha mondeo usada na prática da caça pelo povo Kaiowá da aldeia Pirakuá.

De acordo com as lideranças tradicionais, os cães domésticos também eram muito usados durante a caçada, no entanto, não se podia perseguir muito os animais de caça com os cães devido ao fato de que seus jara (donos, guardiões) não permitiam que se assustasse muito os animais. Com isso, as lideranças orientavam que era extremamente importante buscar somente o que ia consumir e era assim que essas práticas de conhecimento tradicional se mantinham vivas e fortalecidas na comunidade.

Durante o aprendizado e, conforme os treinamentos diários eram realizados testes nos meninos que estavam em ação de aprendizagem. Esses testes tinham a função de estimular os meninos a não desanimarem, visto que passar nos testes de caça era considerado um mérito bastante desafiador para a formação dos meninos kaiowá. Se o aprendiz se dedicasse, treinasse e estudasse bastante, se tornaria um caçador de animais da mata e seria reconhecido pelos Kaiowá. De acordo com as lideranças tradicionais, essa era a forma de transmitir o conhecimento dos mais velhos para os mais jovens, repassando os ensinamentos do segredo da caça. Era também missão dos mais velhos atrair a atenção dos aprendizes, fazendo com que os jovens se tornem curiosos e interessados em participar.

De fato, a formação do caçador Kaiowá tem um papel bastante considerável na cultura e na cosmologia desse povo, sendo importante ressaltar que as lideranças tradicionais apontaram para o fato de que ao realizar batismo da criança Kaiowá, o ñanderu (rezador) é informado sobre a capacidade de caça do menino batizado. Assim é

possível reconhecer já no batismo qual menino será um grande líder da caça e consequentemente um grande líder da família e um defensor da sua comunidade.

Por outro lado, as mulheres, desde jovens, aprendem os conhecimentos tradicionais relacionados à atividade cinegética, não podendo ir caçar com homens. É dessa maneira que, segundo as lideranças tradicionais, se formavam os homens caçadores na aldeia Pirakua, de forma que, ao se tornar esposo, o homem já era responsabilizado pela busca de alimentos para a família, passando a chefiar a caça. E era assim que o caçador se formava, não só para exercer a atividade de caça, mas também para treinar os futuros caçadores que iam surgindo.

Em contrapartida no tempo atual, as lideranças tradicionais relataram a dificuldade de se caçar na região por conta da retirada da diminuição da área de seu território tradicional. Essa deterioração dos ecossistemas locais impacta diretamente na formação do caçador kaiowá e na forma de aquisição e compartilhamento de conhecimentos associados ao universo da caça.

As narrativas dos mestres tradicionais revelam que atualmente os ensinamentos culturais sobre a caça são raramente ensinados geracionalmente devido ao fato de que os mais jovens não demonstram interesse em se tornarem caçadores, já que estão mais interessados em outras aprendizagens relacionadas ao mundo não indígena. Dessa forma, os conhecimentos tradicionais a respeito da caça acabam ficando restritos aos mais velhos.

Isso não significa que atualmente os homens não vão mais à caça, no entanto essa prática, juntamente com a pesca, é realizada majoritariamente nos dias de descanso, como nos finais de semana ou em feriados, já que atualmente a maioria dos homens da aldeia trabalham em empregos formais e informais dentro e fora da aldeia. Por conta de toda alteração nos costumes da prática tradicional da caça, os homens de hoje já incorporaram outra dinâmica à prática da caça, como o uso de veículos e de armas de fogo.

Ainda em relação às mudanças culturais, de acordo com as lideranças locais, são raras as famílias que ainda caçam com cachorros, como era feito antigamente. Nos dias de hoje, a caçada com cães não é mais possível, visto que a pastagem de gado que rodeia toda a aldeia faz como que os cães se distraiam durante caçada.

Outro fato relevante é a consciência plena em relação ao roubo de seus territórios e à consequente degradação ambiental de suas terras. É claro para os mestres tradicionais que os karai (não indígena) estão destruindo e acabando com a mata ainda presente, com

o intuito de fazerem mais lavouras. Também fica evidente pelas reflexões dessas lideranças que esse modo de viver dos não indígenas trará mais doenças que terão consequências desastrosas para toda a humanidade. No entanto, os mestres tradicionais deixam evidente que nessa imensa dificuldade a saída está na auto-organização do povo, a fim de buscar estratégias específicas para sobreviver em meio a esses ataques sistematizados aos sistemas socioecológicos dos Kaiowá de Pirakua.

De fato, a negação e a conseqüente degradação do território Kaiowá pelo avanço do agronegócio na região vêm gerando um desequilíbrio nas relações entre o mundo dos seres humanos e da natureza, desequilíbrio esse atribuído pelos indígenas tanto aos problemas decorrentes da superexploração das riquezas naturais, quanto à dificuldade na relação com o mundo sobrenatural.

Se as atividades de colheita, caça e pesca não geram mais a produção esperada, sob a visão de muitos Kaiowá, é resultado, tanto da degradação ambiental à qual estão submetidos, além das mudanças ocorridas no que tange, especialmente, às suas práticas religiosas e espirituais. Portanto, a relação com os animais e as plantas, bem como a recuperação das riquezas naturais, estão estritamente associadas à prática da cultura. A relação equilibrada e harmônica com a natureza demanda uma relação igualmente harmônica com os deuses (BRAND, 1998; PEREIRA, 2010).

Assim, entre os Kaiowá é recorrentemente destacada a crescente perda da qualidade de vida, principalmente nestas últimas décadas, o que é atribuído de forma direta ou indireta ao extremo contato com a sociedade não indígena. Esta situação está intimamente associada à perda brutal do território e a conseqüente escassez dos recursos naturais nos territórios tradicionais. Assim, as pequenas áreas de mata, atualmente, não são capazes de ofertar as riquezas naturais, de forma que a caça, a pesca e os itens coletáveis estão cada vez mais escassos. Em muitas aldeias o solo está empobrecido, a coivara (técnica agrícola tradicional indígena) é impraticável e, pela pouca oferta, a pesca torna-se uma atividade isolada ou até impossível de ser feita (VIETTA, 1997).

O esgotamento das riquezas naturais no interior das terras indígenas é explicitado pelos Kaiowá, a partir do momento em que reduz a produção nas roças, além de apurarem que sua tecnologia tradicional não tem tido êxito (BRAND, 2004). No entanto, algumas famílias tentam recompor seus lotes, principalmente no entorno das casas, formando sistemas agroflorestais semelhantes aos locais onde habitavam, como forma de amenizar os impactos ambientais e a insegurança alimentar.

Assim, de acordo com as lideranças tradicionais, os caçadores são as pessoas que mais conhecem a região da mata e os animais, bem como os locais onde estes podem ser encontrados. Em decorrência do contato com a sociedade não indígena envolvente, os Kaiowá, atualmente, consomem alimentos diferentes de sua tradição, e essa fato modificou alguns de seus hábitos alimentares. Nesse sentido, a carne de animais silvestres deixou de ser a única fonte de proteína animal, uma vez que existem alternativas alimentares como carne de gado, suína e aves.

Também é importante refletir que a degradação ambiental provocada pelo modelo de agronegócio imperante na região, tem feito com que as riquezas naturais, imprescindíveis à vida dessa comunidade, estejam ficando cada vez mais escassas. O desmatamento forma uma paisagem altamente fragmentada, o que representa grande ameaça à biodiversidade. Devido à alta densidade demográfica, fruto dos aldeamentos forçados, as riquezas naturais ficam progressivamente mais escassas, sendo difícil replicar as práticas milenares de pesca, caça e cultivo (PEREIRA, 2010).

Nessa perspectiva, as narrativas apontam para o fato de que a espoliação de seus territórios ocasionada pelo colonialismo e pelo agronegócio imperante na região tem afetado drasticamente a reprodução do modo de existir Kaiowá. O desmatamento e o envenenamento do território pelos agrotóxicos provenientes das lavouras que tem de instalado gradativamente no entorno da aldeia é uma preocupação constante das lideranças tradicionais, assim como as leis federais que são construídas e determinadas sem o envolvimento da população tradicional.

A nossa sobrevivência depende do bem-estar da natureza e da preservação da natureza, porque dela que nos mantemos vivos e tiramos nosso sustento alimentar e espiritual para seguirmos em frente nessa luta grande contra os invasores dos territórios indígenas. Nossos parentes Guarani e Kaiowá encontram-se confinados não podendo ter o direito de caçar e pescar porque seus territórios estão em conflitos com fazendeiros. Além do mais com a lei aprovado para não matar animais silvestres dificulta mais ainda essa prática da caça e pesca, com essa lei os indígenas caçadores perdem a liberdade e habilidade de buscar seu sustento para a família, porque se sentem ameaçados e com medo, já que podem serem pegos pela polícia ambiental (liderança tradicional Kaiowá de Pirakua, março de 2021).

3.2. Os animais de caça

De acordo com as lideranças tradicionais, o animal mais caçado e apreciado pelos caçadores são anta (mborevi), cateto (kurei), queixada (tanhykati), tatu (tatu) e o veado (guasu), sendo somente estes cinco animais caçados e usados na alimentação citados na aldeia Pirakua (Tabela 1).

Tabela 1. Animais caçados e usados na alimentação Kaiowá da Aldeia Pirakua, Bela Vista, MS.

Animal (nome em kaiowa)	Classificação Biológica
anta (mborevi)	<i>Tapirus terrestris</i> L.
cateto (kurei)	<i>Dicotyles tajacu</i> L.
queixada (tanhykati)	<i>Tayassu pecari</i> Link
tatu (tatu)	Dasypodidae
veado (guasu)	Cervidae

Segundo as lideranças tradicionais, a carne do cateto (kurei) (Figura 4) é a carne de caça mais comum nas refeições dos Kaiowá na aldeia Pirakua, antigamente e atualmente. Essa carne compõe um prato tradicional, acompanhada de farinha de milho e mandioca (hui).

A carne da queixada (tanhykati) também faz parte de pratos tradicionais do povo Kaiowá de Pirakua, porém devido à diminuição do território tem se tornado cada vez mais raro encontrar esses animais na caçada. O fato de serem bastante agressivos e o comportamento de andarem em bando a procura de alimentos faz com que a caça desse mamífero seja dificultada, segundo as lideranças Kaiowá.



Figura 4: Cateto -kurei- (*Dicotyles tajacu*) caçados pelos Kaiowá da aldeia Pirakuá.

Já a carne da anta (mborevi) era antigamente e ainda é hoje a preferida entre os Kaiowá de Pirakua. Esse animal é muito apreciado pelos caçadores e pelas famílias Kaiowá da aldeia Pirakua. Assim, a caçada da anta significa para a comunidade so guasu (carne para todos), já que esse mamífero é um animal de grande porte e sua carne é capaz de alcançar todas as famílias pertencentes à aldeia.

O tatu é um animal bastante consumido no dia a dia até os dias atuais, sendo na maioria das vezes o primeiro animal que o jovem aprendiz consegue caçar (Figura 5.). Já o veado é considerado um animal difícil de se caçar, já que esse animal facilmente se desprende das armadilhas com coices e saltos.



Figura 5: Tatu (*Dasypodidae*) caçado pelos Kaiowá. Crédito: Ñandesy Júlia Cavalheira/ Taquara.

3.3. Os ritos culturais associados ao universo da caça

De acordo com as lideranças tradicionais, desde a antiguidade, a prática da caça sempre esteve muito associada à cosmologia e à simbologia ritualística entre os Kaiowá de Pirakua, de forma que essa atividade fazia parte dos preparativos de muitos rituais tradicionais de grande significância para esse povo.

Para nós Kaiowá, era comum praticar a caça em períodos especiais, como na época do Jerosy (batismo de milho branco), do Jeroky Puku (colheita de milho branco), no mitã nhemongarai (batismo de criança) e para espantar o mal espírito da aldeia. Sempre antes das grandes celebrações, os caçadores saiam para praticar a caça (liderança tradicional Kaiowá de Pirakua, junho de 2020).

Nessas ocasiões os rituais eram centrados nas rezas e cantos tradicionais, noite após noite, durando entre cinco a sete dias. Desta maneira, os caçadores Kaiowá de Pirakua se agrupavam junto a moradores de todas as regiões da aldeia, para que assim pudessem se fortalecer como indígenas guerreiros. Nesses momentos os caçadores eram quem prepara as carnes provenientes da caçada, conforme as regras e a dinâmica da celebração.

Durante esses momentos festivos e ritualísticos, as mulheres também possuíam um papel importante, preparando as comidas tradicionais, como torta de milho (chipa guasu), a farinha de mandioca ou milho (hui), a polenta de milho (mbaipy), a mandioca (mandi), a batata doce (jety), e entre outros alimentos que acompanhavam a carne da caça, junto da bebida tradicional kaiowá (chicha).

As narrativas indicaram que a prática da caça é uma atividade de grande importância comunitária, onde as famílias deste tekoha (território) valorizam a partilha do alimento caçado, fomentando a cultura da reciprocidade e do apoio mútuo entre as famílias, de modo que a política do “dar e receber algo em troca” se mostra bastante relevante. Até hoje quando uma família é bem-sucedida na caça ou na pesca, é comum o compartilhamento da carne dos animais com seus avós e pais, os quais também agradecem oferecendo algum outro alimento em troca.

Desse modo, era de extrema importância o cumprimento das regras relativas ao manejo e ao consumo da carne de caça. Assim, ao abater o animal era recomendado que se tomasse muito cuidado para ocorrer tudo conforme previsto nas regras culturais. Uma das mais importantes regras está relacionada ao manejo do animal, onde era preciso cautela para não machucar o corpo/pele do animal além da pancada ou perfuração e conseqüentemente evitar que o jara (dono) ficasse triste. Caso isso ocorresse, haveria um desrespeito a essa regra, e depois de ingerida, a carne faria mal para as famílias que iriam consumi-la.

Na cosmovisão Kaiowá, as plantas e os animais dispõem seus jara (donos), espécie de seres místicos, responsáveis por protegê-los e de cuidar de sua reprodução. Esses indígenas responsabilizam os não indígenas pelo desmatamento das florestas, o envenenamento do ar, do solo e da água, como também pelo afastamento dos jara. Segundo essa cosmovisão é necessário primeiramente pensar em como trazer os jara de volta antes de tentar recompor o ambiente (PEREIRA, 2010).

Exprimindo suas rezas, o rezador alivia a agressividade própria a estes seres denominados genericamente de jara, já que estes seres são extremamente zelosos dos espaços e seres sob seus cuidados, predispostos a agredirem os seres humanos que os prejudicarem. Pereira (2016) observa que os mestres espirituais exaltam a importância de saber as razões corretas para conversar com o dono, ou seja o guardião. Dentre eles estão os donos ou protetores da mata (ka'aguy jara), dos animais caçados pelos humanos (so'o jara) e da água (kaja'a).

Assim, durante a prática da caça, as narrativas indicaram a importância do respeito ao rito relativo ao manejo do animal caçado. Desse modo, para evitar que os jara se descontentassem existe toda uma técnica de conhecimentos e saberes dos que todos os caçadores devem praticar.

Ao erguer o animal abatido para levar na cabana existe uma técnica específica para dar tudo certo: primeiro quem estiver se responsabilizando pela cabeça (inhakangue) deve vir na frente, pois isso simboliza que a carne estará fresca e sem dar trabalho para chegar no determinado lugar, segundo deverá vir a coluna de espinhal (lomokangue), terceira, os braços e antebraços (ijyvakue), na quarta as coxas e as pernas (hetymakue) e por último as miudezas, isso significará que estarão em segurança e indicará uma boa refeição para as famílias, além disso, que os donos (jara) estão felizes (liderança tradicional Kaiowá de Pirakua, agosto de 2020).

Nesse sentido, existem regras específicas para o consumo da carne caçada, de forma que existem algumas partes do animal que só os jovens podem consumir e outras que só os mais velhos podem se alimentar, como é o caso da cabeça de anta (Figura 6.). Entretanto, a importância a benção da carne pela liderança espiritual é fundamental antes do consumo ser realizado.

Na cultura Kaiowá quem pode comer a cabeça da anta é somente os mais velhos e velhas da família. Os mais jovens devem comer carne do antebraço e da coxa, e as crianças as miudezas, isso somente após a benção do cacique nas carnes, de forma que sem passar a reza abençoando a carne não se pode ingerir. Isso porque no caminho havia muito tupichuva (dono malvado da carne). Então devido a isso o rezador/a deve abençoar primeiro a carne da caça, independente de qual animal for, deve passar pelo processo da benção que chama omboroy (liderança tradicional Kaiowá de Pirakua, agosto de 2020).



Figura 6: Cabeça de anta (*T. terrestris*) caçada pelos Kaiowá. Crédito: Ñandesy Júlia Cavalheira/ Taquara.

Ainda deve-se convidar toda a vizinhança para comer a carne de caça em coletividade, não podendo realizar o convite de forma restrita, já que regra determina que não se pode maltratar a carne de caça e, por esta razão convidam todos para apreciar juntos.

Ao comer a carne de caça é importante que todos sejam monitorados pelos rezadores e pelos mais velhos da família, para garantir que a refeição ocorra tranquilamente e com segurança. Isso porque os mais velhos vigiarão para que nenhuma criança jogue osso da carne para os cães domésticos ou descartem a carne, porque na regra deve-se juntar os ossos de carne e guardar para depois enterrar com segurança. Assim, a regra será cumprida e os jara do animal caçado não vai ficar furioso. Seguindo todas as regras o caçador sempre manterá suas habilidades de caça em forma, no entanto, se acontecer ao contrário, pode haver um desânimo tão grande no equilíbrio da caça no caçador que poderá fazer com que ele não encontre mais a caça tão facilmente, ficar desanimado para caçada e se tornar um péssimo caçador (liderança tradicional Kaiowá de Pirakua, outubro de 2020).

A importância dos aspectos cosmológicos e espirituais na dinâmica da caça é revelada através das técnicas centradas na realização de rezas durante todo o processo

de caçada. Assim, a reza tem grande importância não só no manejo da caça e antes do consumo da carne, como também apresenta grande relevância durante o momento da caçada.

Existe uma técnica de reza para o caçador encontrar caça sem ter que ir muito longe na busca, assim, a partir dessa técnica e com ajuda do espírito da caça, os animais serão encontrados o mais próximo de suas casas. Quando isso ocorre significa que o caçador já pediu licença para o dono (heonde hagua), ou seja, teve êxito quando pediu para ter sorte na caça (liderança tradicional Kaiowá de Pirakua, julho de 2020).

As narrativas apontam para as mudanças culturais decorrente dos tempos atuais, de forma que na visão desses anciões no tempo antigo se percebia um maior respeito em relação às regras e aos conhecimentos tradicionais relacionadas ao universo da caça Kaiowá.

Antigamente se obedecia às regras, pois sabiam que se no caso de não obedecer, não teriam sucesso na busca de alimentos de caça para as famílias, por isso antigamente (ymaguare reko) os caçadores eram mais obedientes, já que valorizavam a importância das regras para manter a alimentação em dia. Mas as mudanças vindas do mundo dos karai foram se aproximando e esses conhecimentos, técnicas e práticas foram se enfraquecendo. Hoje, com o desmatamento da agropecuária e do agronegócio foi espantando os animais de caça, tornando mais difícil a busca de alimentos de caça, que é um dos pratos preferidos dos Kaiowá (liderança tradicional Kaiowá de Pirakua, maio de 2020).

4. Conclusões

Compartilhar conhecimentos com culturas indígenas é de fato agregador e engrandecedor para a ciência convencional e ocidental. A possibilidade de refletirmos o mundo natural a partir de outras visões do mundo faz com que alternativas possam ser encontradas para resolvermos os desafios da humanidade e aumentarmos a qualidade de vida das populações. E este é um assunto urgente já que a vida no planeta tem sido pouco valorizada e os movimentos que eliminam a biodiversidade estão cada vez mais atuantes.

Pelo fato de uma das autoras ser moradora e viver nessa aldeia que apresenta características específicas de conservação da biodiversidade do território, esse lugar foi escolhido para ser o campo desta pesquisa. Soma-se a isso o fato de que este território tem passado por mudanças significativas no estado de conservação da mata adjacente, devido ao agronegócio que começa a avançar sob a fronteira da aldeia.

Consequentemente, em meio a tanta complexidade decorrente da invasão do karai reko, os diálogos, os momentos, as reflexões e as vivências na construção desse estudo foram de grande relevância para compreender aspectos bioculturais do povo Kaiowá em relação ao universo da caça. Assim foi possível chegar numa prévia conclusão: as narrativas revelaram a magnífica importância da espiritualidade, centrada na natureza, como meio de construção da visão e interpretação de mundo por esse povo.

Além disso, foi possível refletir que tal leitura de mundo está intrinsecamente associada ao observar, compreender e sentir o mundo natural entrelaçado ao mundo espiritual. Para os, Kaiowá, todos os seres vivos são dotados de grande relevância no mundo natural e espiritual, portanto devem ser conhecidos e respeitados.

Por fim, foi possível refletir que a base do conhecimento Kaiowá é empírica, orgânica e holística e que são valiosas as noções sobre aspectos da natureza que envolvem a caça, a ecologia e a conservação ambiental, de modo que o conhecimento é culturalmente passado de geração em geração. Assim, este conhecimento profundo é de suma importância na construção dos conhecimentos universais, já que amplia a possibilidade de entendimento de mundo a partir de outras visões. Desta forma, o grande conhecimento das espécies de plantas, animais e ecossistemas que esse povo possui e a consciência do porquê tudo isso está se acabando são fatores-chaves para a conservação dos sistemas socioecológicos desta comunidade.

Diante de um cenário de aniquilação ambiental, insegurança alimentar e necessidade de distribuição de cestas básicas como forma de suprir as carências nutricionais nas aldeias indígenas da região, a alimentação tradicional e a caça podem assegurar às famílias a possibilidade de soberania alimentar, principalmente no que tange ao acesso a proteínas de origem animal.

Desejamos que este estudo contribua com informações acerca dos conhecimentos tradicionais e bioculturais do povo indígena Kaiowá, para que assim possam ser utilizados na construção de processos que pautem a melhoria das relações dos seres humanos com os animais, com a Mãe Terra e com as economias referentes ao bem viver. Neste sentido, almejamos que todas as pessoas tenham clareza sobre a necessidade e a importância do diálogo com os saberes indígenas visando o adiamento do fim do mundo.

5. Agradecimentos

Com coração cheio de alegria e esperança agradecemos a toda a aldeia Pirakua pela experiência adquirida nas vivências e compartilhamento de saberes. Aguyje! Obrigada!

Referências

ALBERT, B. “Situação Etnográfica” e Movimentos Étnicos. Notas sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano. *Campos-Revista de Antropologia*, v. 15, n. 1, p. 129-144, 2014.

ALBUQUERQUE, U.P; LUCENA, R.; CUNHA, L. V. Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. Recife: Nupeea, 2010, 19p.

ALVES, R. R. N; SOUTO, W. M. S. Desafios e dificuldades associadas as pesquisas etnozoológicas no Brasil. In: ALVES, R. R. N; SOUTO, W. M. S.; MOURÃO, J. (Org.). *A Etnozoologia no Brasil: Importância, status atual e perspectivas*, Recife: Nupeea, 2010, p. 41-55.

BARROS, F. B. Os caçadores do Riozinho do Anfrísio: saberes e práticas culturais entre narrativas e imagens. *Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades*, v. 5, n. 1, p. 152-86, 2017.

BECHELANY, F. C. Suasêri: a caça e suas transformações com os Panará. 2017. 316 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília.

BENITES, E.; MONFORT, G.; GISLOTI, L. J. Territorialidades originárias e a cosmologia Kaiowá e Guarani: auto-organização contra o agronegócio, os crimes socioambientais e a pandemia. *Espaço Ameríndio*, v. 15, n. 2, p. 38-59, 2021.

BRAND, A. J. “Quando chegou esses que são nossos contrários”-a ocupação espacial e o processo de confinamento dos Kaiowá/Guarani no Mato Grosso do Sul. *Multitemas*, n. 12, p. 1-31, 1998.

BRAND, A. J. Os Kaiowá/Guarani no Mato Grosso do Sul e o processo de confinamento a “entrada de nossos contrários”. São Paulo: Conselho Indigenista Missionário; Regional Mato Grosso do Sul; Comissão Pró-índio 2000, 483p.

BRAND, A. J. Desenvolvimento local em comunidades indígenas no Mato Grosso do Sul: a construção de alternativas. *Interações*, v. 1, n. 2, p. 59-68, 2001.

CUNHA, M. C da. Populações tradicionais e a Convenção da Diversidade Biológica. *Estudos avançados*, v. 13, n. 36, p. 147-163, 1999.

CUNHA, M. C da. Questões suscitadas pelo conhecimento tradicional. *Revista de Antropologia*, v. 55, p. 439-464, 2012.

GALLOIS, D. T. Cultura “indígena” e sustentabilidade: alguns desafios. *Tellus*, v. 5. n. 8, p. 29-36, 2005.

MARQUES, J. G. W. O olhar (des) multiplicado. O papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C; Silva, S. P. da (Org.). *Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas*, Rio Claro: Coordenadoria de Área de Ciências Biológicas, UNESP/CNPq, 2002. p. 31-46,

MEIHY, J. C. S. B. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. *Revista de história*, n. 155, p. 191-203, 2006.

MILNER-GULLAND, E. J. et al. Wild meat: the bigger picture. *Trends in Ecology & Evolution*, v. 18, n. 7, p. 351-357, 2003.

UÑoZ, M. G. saber indígena e meio ambiente: experiências de aprendizagem comunitária. In: Leff, E. (Org.). *A complexidade ambiental*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 282-322.

NOAL, M. L. As crianças guarani/kaiowa: o mita reko na aldeia Pirakua/MS. 2006. 353f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas.

- PAVÃO, S. et al. Flora medicinal Guarani e Kaiowá: conhecimento tradicional como forma de resistência. *Espaço Ameríndio*, v. 15, n. 1, p. 160, 2021.
- PEREIRA, L. M. O movimento étnico-social pela demarcação das terras guarani em MS. *Tellus*, v. 3, n. 4, p. 137-145, 2003.
- PEREIRA, L. M. Demarcação de terras Kaiowá e guarani: ocupação tradicional, reordenamentos organizacionais e gestão territorial. *Tellus*, v. 18, p. 115-137, 2010.
- PEREIRA, L.M. Os kaiowá em Mato Grosso do Sul: módulos organizacionais e humanização do espaço habitado. Dourados: UFGD, 2016. 196p.
- PERES, C. A. Effects of subsistence hunting on vertebrate community structure in Amazonian forests. *Conservation biology*, v. 14, n. 1, p. 240-253, 2000.
- PEREIRA, J. P. R.; SCHIAVETTI, A. Conhecimentos e usos da fauna cinegética pelos caçadores indígenas" Tupinambá de Olivença"(Bahia). *Biota Neotropica*, v. 10, p. 175-183, 2010.
- PINTO, M. F. et al. Qual a relação entre etnozootologia e território? *Revista Ouricuri*, v. 3, n. 2, p. 068-088, 2019.
- POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, D.; RIBEIRO, B. G (Orgs.) *Suma etnológica brasileira*, v. 1, 1987. p. 15-25.
- PRADO, J. H.; COMAR, S. E. Através do Prestígio: atuação da chefia ameríndia entre os Kaiowá da Terra Indígena Pirakua. 2013. 116f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Dourados, MS: UFGD, Dourados.
- SANTOS-FITA, D.; NARANJO, E.; RANGEL-SALAZAR, J. L. Wildlife uses and hunting patterns in rural communities of the Yucatan Peninsula, Mexico. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 8, n. 28, 2012.
- SILVERWOOD-COPE, P. L. Os makú: povo caçador do Noroeste da Amazônia. Brasília: Editora da UnB. Coleção Pensamento Antropológico, 1990, 207p.

TOMCHINSKY, B. et al. Publicações Científicas das Etnociências: Caminhos Passados e Futuros. *Ethnoscience*, v. 4, n. 1, p. 1-16, 2019.

VIETTA, K. Programa Kaiowá/Guarani: algumas reflexões sobre Antropologia prática indigenista. *Multitemas*, v. 4, p. 68-95, 1997.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, v. 2, n. 2, p. 115-44, 1996.

Recebido em: 29/09/2021
Aprovado em: 03/04/2022
Publicado em: 01/07/2022

Considerações finais da dissertação

Essa pesquisa surgiu a partir da preocupação de um ancião, que ao observar e analisar a forma que as pessoas estavam se alimentando dentro do território Pirakua, notou que a má alimentação poderia estar relacionada às muitas doenças e à indisposição das pessoas de dentro da comunidade. As observações e análises do ancião me motivaram a iniciar essa pesquisa.

Ao realizar essa pesquisa e convivendo com as famílias pude perceber que grande parte da comunidade ainda se alimenta de forma tradicional, como o preparando o peixe assado, a prática da caça, a prática de mbohejupa, o consumo de alimentos feitos de milho, mandioca, batata doce e alguns frutos e frutas silvestres.

Este trabalho foi realizado em três pilares, o primeiro é sobre o território sagrado da aldeia Pirakua, o segundo sobre os alimentos tradicionais na comunidade e o terceiro sobre a caça e os caçadores. Esses três pilares estão conectados entre si e juntos nos dão uma visão bastante ampla do modo de ser, viver e se alimentar do povo Kaiowá da aldeia Pirakua. Por exemplo mbohejupa serve para exercícios físicos, mentais, e para saúde do corpo.

Desta maneira, pude refletir e assegurar essa importância de ter um olhar especial e específico para deixar registrado que isso servirá como fonte de pesquisa e referência, para assim, dar continuidade para que um dia sirva como um projeto de ação, dentro da comunidade e da escola. Desse modo estaremos fortalecendo os conhecimentos dos nossos ancestrais e da natureza.

Este trabalho de pesquisa foi muito importante para mim e para minha comunidade pelo fato de poder contribuir e fortalecer o conhecimento das pessoas das quais eu convivo, para buscar melhorias e também para buscar ampliar meu repertório de conhecimento. Como professora indígena, consegui ter uma outra percepção de tudo aquilo que vivemos durante as mudanças que ocorreram na alimentação do meu povo, e assim pude obter conhecimentos para que seja possível reeducar os paladares modificados pelos alimentos ultraprocessados para os alimentos saudáveis.

Assim, a partir do conhecimento adquirido e das reflexões construídas, se abriu uma possibilidade de pensar em realizar uma ação de implementar e fazer com que a aldeia contribua em relação à alimentação saudável e sem agrotóxicos dentro da escola indígena e na comunidade. Desse modo, após a realização dessa pesquisa, muitas possibilidades estão se articulando e dentre elas, pretendo implantar junto com as famílias da aldeia e a escola, um projeto anual dentro da comunidade, com o objetivo de realizar

uma feira de exposição dos nossos alimentos tradicionais.

Estar caminhando e dando continuidade no estudo é muito satisfatório para mim, somente assim estarei ocupando o espaço e, cada vez mais subindo degraus, para que um dia possa atender e ajudar os jovens que estão nesse caminho da busca pelo teko joja. Com a força dos rezadores/as vamos sempre enfrentar a luta para que possamos vencer e “resistir para existir”, dessa forma, estou aqui concluindo uma parte da etapa da minha pesquisa e da minha vida.

Foi muito gratificante realizar um diálogo de forma intercultural e dentro da visão dos Kaiowá sobre nosso território sagrado, alimentação tradicional, a caça e os caçadores. Esses trabalhos conectados buscam agradecer a Mãe Terra por nos oferecer nosso território que ainda está de pé, nos dando a vida para cuidar e para desfrutar.

Vivemos numa sociedade muito desafiadora onde o agronegócio é mais valorizado, envenenando cada vez mais a população e os animais e entre outros seres existentes ainda nesse mundo.

É importante ressaltar que essa pesquisa foi desenvolvida durante a pandemia causada pelo novo coronavírus (SARSCoV-2), causador da doença Covid-19. Na minha comunidade não teve casos positivos, mas a pandemia assustou muito os moradores, deixando todo mundo desorientado, apavorado e assustado. Assim, deixo aqui meus pêsames aos familiares que perderam parentes e amigos para esta doença invisível. O que me preocupa ainda é que sabemos que está por vir mais doenças como essa devido à destruição da Mãe Terra.

A partir do conhecimento e das reflexões construídas nesse trabalho, se abre uma possibilidade de pensar em realizar ações à fim de implementar projetos que visem a alimentação saudável dentro da aldeia e principalmente dentro da escola indígena. Aqui fica o convite para a Secretaria de Educação e para nutricionistas da Sesai se juntarem à nossa comunidade para repensar aspectos da alimentação dentro da aldeia.

Concluo ressaltando que, dentro do sistema educacional e da educação escolar indígena, é primordial que dentro da escola e dentro do currículo escolar haja o fortalecimento e a valorização do nosso sistema alimentar tradicional específico do povo Kaiowá.